

O CAPÍTULO NÃO-ESCRITO DE *CAPITAL* DE MARX: REFLEXÕES SOBRE A NOVA POLÍTICA ECONÔMICA (NEP) NA RÚSSIA (1921-1929)*

Julio Godio**

O CAPÍTULO NÃO-ESCRITO

É conhecida a resistência de Marx a não desenvolver teoricamente o tema da sociedade comunista e, portanto, se limitou a formular um conjunto de idéias-forças para a economia, a política e a sociedade socialistas. As categorias principais utilizadas foram as de propriedade coletiva dos meios de produção, abolição do trabalho não-pago (mais-valia), subsunção progressiva da lei do valor na planificação, distribuição de rendas segundo as necessidades das famílias, desaparecimento do Estado e auto-administração democrática das sociedades, etc.

Marx se opunha a repetir os esquemas simplistas de “sociedades comunistas” próprios do socialismo utópico. O socialismo era para Marx o produto historicamente inevitável da contradição entre o caráter social da produção e a apropriação privada do excedente econômico nas sociedades capitalistas desenvolvidas. Também rejeitava a pos-



Comuna de Paris

sibilidade de se construir uma sociedade socialista em países que não haviam “completado” o desenvolvimento capitalista (ainda que moderasse em sua velhice essa posição em relação a alguns países como a Rússia e estudasse o “modo de produção asiático”). Quando lhe foi perguntado qual era seu “modelo aproximativo” de sistema socialista, Marx se referiu à experiência da Comuna de Paris (1871).

Nos países capitalistas desenvolvidos, Marx pensava numa transição entre o capitalismo e o comunismo, que denominava de “socialismo”, e esta fase incluía uma forma estatal de dominação qualificada de “ditadura do proletariado”. Desde já, que essa é uma concentrada formulação que subsume uma grande variedade de categorias econômicas, políticas e culturais que constituiriam a tessitura sociopolítica do comunismo, e que se encontram em “estado prático” nos textos de Marx, especialmente nos *Grundrisse*. A visibilidade histórico-concreta dessas novas categorias seria para Marx o produto sociopolítico das novas práticas sociais que se desenvolvem na etapa de transição e que perfilam as estruturas da sociedade comunista. Porém Marx também não foi muito além em relação às características da transição do capitalismo ao comunismo. A única coisa certa é que se requeria uma con-

* Cf. “El capítulo no escrito de *El capital* de Marx: reflexiones sobre la Nueva Política Económica (NEP) en Rusia (1921-1929”, publicado originalmente em <http://www.nuso.org/> (tradução Antonio Roberto Bertelli).

** Sociólogo argentino, diretor do Instituto del Mundo del Trabajo (IMT), Buenos Aires.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.22.v0n47.4831>

dição política fundamental: a ditadura do proletariado. Sobre a base de uma economia socialista em um ou vários países capitalistas desenvolvidos, durante a transição, a distribuição se basearia no seguinte princípio: “a cada um segundo seu trabalho”. Marx escreveu pouco sobre a transição. O “comunismo” foi um capítulo conscientemente não-escrito por Marx.

Quando formula idéias acerca do comunismo, fica por sua vez “enredado” por um produto teórico que era o resultado do próprio método de exposição de *O capital*. Começara a explorar a lógica do capitalismo a partir da análise da mercadoria e seu duplo funcionamento como valor de troca e valor de uso (que constitui o primeiro capítulo de *O capital*). Logo descobriu que a lógica da existência concreta do capital levava inevitavelmente a uma separação radical entre ambas as formas de valor como uma condição fundamental do comunismo.

Quando Lênin chegou a Petrogrado, em abril de 1917, terminou seu breve discurso na Estação Finlândia com esta frase: “Viva a Revolução Russa, início da revolução mundial!”.

Porém, Marx não se coloca uma “reformulação” teórica de outra categoria que ele mesmo salientava que precedia e se prolongaria para além da existência do “capital”, isto é, a categoria de *mercado*; ao se finalizar a leitura de *O capital* tem-se a sensação de que o socialismo requer para seu triunfo a *abolição da mercadoria*. Dela, o socialismo só “resgataria” seu *valor de uso*. Ao não reformular o papel

do mercado nas condições da revolução socialista, Marx ajudou por “*omissão*” para que muitos de seus discípulos chegassem à falsa conclusão de que o mercado é um obstáculo para se desenvolver o socialismo.

Mas, durante o século XX, a prática histórica das transições concretas e falidas do capitalismo para o comunismo nos países do chamado “socialismo real” mostraria que o socialismo seria de impossível realização sem a utilização consciente por um novo poder revolucionário da importante estratégia da *instituição* e dos *mecanismos* do mercado como ferramentas essenciais para a evolução econômica, social e cultural das sociedades envolvidas politicamente na fundação de uma civilização

socialista *realmente* superior ao capital. Os marxistas, entre eles Lênin, “herdaram” esse problema que não foi bem resolvido por Marx.

Lênin, resumidamente, enfrentou o desafio de como “coroar” uma revolução democrático-burguesa na Rússia que – na época do imperialismo – não podia desembocar numa revolução burguesa clássica. Tratava-se da transição de um país de desenvolvimento capitalista “incompleto” para o socialismo, situação que Marx só a contragosto aceita como “rara exceção”. As grandes tarefas da revolução democrática na Rússia (democracia popular, reforma agrária, educação popular, formação de uma classe operária e de um campesinato altamente “produtivos”, erradicação do atraso cultural, etc.) somente poderiam ser resolvidas, segundo Lênin, por uma segunda revolução, dessa vez socialista.

Como Lênin era também um marxista “ortodoxo”, ao mesmo tempo que um jacobino, sabia que a maturidade da revolução russa não podia “esperar” a *vitória e a implantação do socialismo em um ou vários países capitalistas avançados*. Mas essa revolução tampouco podia se consolidar sem “coincidir” com a derrubada do capital em alguns segmentos do núcleo duro do sistema capitalista. Lênin, Trótski, Bukhárin e todos os dirigentes bolcheviques ansiavam para que o “tempo histórico” da revolução russa se integrasse com o “tempo histórico” da revolução proletária na Europa ocidental, em particular na Alemanha. Quando Lênin chegou a Petrogrado, em abril de 1917, terminou seu breve discurso na Estação Finlândia com esta frase: “Viva a Revolução Russa, início da revolução mundial!”.

Como se verá neste ensaio, o tempo histórico da revolução russa não “coincidiu” com o tempo histórico da “esperada” revolução proletária em alguns países da Europa ocidental. A situação revolucionária na Alemanha foi, entre 1918 e 1923, com muito boa vontade teórica, uma situação revolucionária limitada a algumas cidades. O poder soviético na Rússia esperou com ansiedade o triunfo da revolução na Alemanha, e procurou acelerá-la apoiando tentativas voluntaristas da esquerda revolucionária desse país. Contudo, se bem que em vários países europeus aparecessem no pós-guerra cenários de guerra civil, longe de desembocarem em revoluções soviéticas, eles desembocaram em soluções fascistas, como ocorreu primeiro na Hungria, depois na Itália e por último na Alemanha.

Na espera da ansiada revolução socialista na Alemanha e com a tarefa prioritária de vender a guerra civil interna, o regime soviético recorreu a uma solução prática. Essa foi a política econômica aplicada entre 1918 e 1920, conhecida como “comunismo de guerra”, definição que abarca uma espécie inédita de capitalismo de Estado militarizado, organizado para vencer na Rússia e resistir até que se desse a sonhada revolução proletária, pelo menos na Alemanha. Os bolcheviques tomaram o poder sem um programa econômico adaptado para o que seria *uma longa transição do capitalismo para o socialismo num país atrasado e isolado internacionalmente*.

A subestimação da necessidade de contar com um programa socialista viável para coexistir com os mercados e os Estados capitalistas se manifesta claramente no fato de que o livro mais popular na Rússia nesses anos fosse *O ABC do comunismo*, de Nicolai Bukhárin e Evgen Preobrazhenski, com o aval de Lênin. Nesse livro não eram formuladas mais propostas práticas do que aquelas do comunismo de guerra. Por sua vez, Lênin havia escrito um texto intitulado *O Estado e a revolução*, destinado a fundamentar a necessidade de estabelecer – sob as condições da ditadura do proletariado – um novo tipo de Estado não-parlamentar, um Estado de “conselhos”. Mas esse livro não fala muito da transição, e as formulações sobre a sociedade comunista se aproximam muito das do “comunismo anárquico” de P. Kropotkin.

Em 1921, os resquícios do comunismo de guerra se afrouxaram, não só pelo fim da guerra civil, mas também pela resistência dos camponeses aos confiscos de excedentes agrícolas e pelas greves operárias, as rebeliões em unidades militares e as ações guerrilheiras antibolcheviques (Ucrânia). Passou, assim, para primeiro plano a necessidade de convocar os quadros técnicos para pôr em funcionamento as empresas *nacionalizadas e não-nacionalizadas*. Surgiu então na direção bolchevique a pergunta: “que fazer?”, agora enfocada na questão do modelo econômico, social e trabalhista. Lênin, Bukhárin e outros dirigentes estavam agora obrigados a escrever o capítulo não-escrito de *O capital*. O produto foi a “Nova Política Econômica” (NEP), que reformulava na Rússia as relações entre o Estado, a planificação e os mercados privados nas condições do socialismo. A NEP desenvolveu-se entre

1921 e 1929, e *foi uma grande experiência econômica, política e cultural*. O curso da NEP não foi simples, por causas internas (resistência camponesa em 1928, muito lenta recuperação da economia industrial, inexperiência na gestão estatal, morte de Lênin em 1924 e incapacidade da direção bolchevique para entender profundamente o assunto, etc.), e externas (dificuldades da União Soviética para dar uma viragem e reformular suas relações internacionais sem afetar sua estratégia revolucionária e ao mesmo tempo poder “resistir-coexistir” com o “cerco capitalista”).

A NEP não fracassou, já que a economia se desenvolveu positivamente entre 1921 e 1927. Mas neste último ano começaram as resistências camponesas. Além do mais, o perigo da guerra colocou a necessidade de se forçar a industrialização. Nenhuma resolução do partido e do Estado soviético aboliu a NEP, ela simplesmente “desapareceu” da história em 1929. Stálin e seus “camaradas de armas”, já dominantes no Comitê Central do Partido Comunista bolchevique (PCb), provocaram esse desaparecimento forçado da experiência nepista afirmando que a industrialização acelerada e a cooperativização agrícola, previstas no Primeiro Plano Quinquenal, eram a “última etapa da NEP”. Por obstinação histórica, as idéias econômicas da NEP reapareceram na URSS e em outros países do sistema do “socialismo real” nas décadas de 1960, 1970 e 1980 do século passado. Por último, sob outras formas voltaram a ser implementadas, “reformuladas”, e em grande escala (sem tampouco serem reconhecidas explicitamente como antecedentes) a partir do princípio da década de 1980 na China e no Vietnã, sob a modalidade de “*economia de mercado*”.

A NEP foi pensada inicialmente como um “retrocesso tático”, mas se constituiu logo num conjunto de premissas econômicas, políticas, sociais e culturais nas quais se esboçava um longo caminho de transição viável do capitalismo ao socialismo. A

Surgiu então na direção bolchevique a pergunta: “que fazer?”, agora enfocada na questão do modelo econômico, social e trabalhista. Lênin, Bukhárin e outros dirigentes estavam agora obrigados a escrever o capítulo não-escrito de *O capital*.

NEP foi, em síntese, uma teoria para tornar compatíveis durante a transição do socialismo ao comunismo as categorias de mercado e poder, numa sociedade com diferentes formas de propriedade e de gestão econômica. Foi, ao mesmo tempo, um período de grande experimentação cultural na direção de incorporar e agregar diversos componentes intelectuais num inédito projeto socialista. Sobre a história apaixonante e inconclusa da NEP fala este ensaio.

ALGO SOBRE A RÚSSIA PRÉ-SOVIÉTICA PARA ENTENDER A NEP

Ao iniciar o século XX, o império dos tzars era membro do seletor clube de “potências mundiais”. Estendia-se da Finlândia até Vladivostok. Sua população, de 175.100.000 habitantes em 1913, era quase três vezes a da Alemanha e quatro vezes a da Grã-Bretanha. Seu exército permanente era um dos mais poderosos, com 1.300.000 homens na ativa e 5.000.000 de reservistas. Os gastos militares eram

altos. O inimigo principal da Rússia era então o império alemão. Com fins militares desenvolvia-se rapidamente o sistema ferroviário (71.000 km em 1914) e a frota havia sido renovada depois da catastrófica guerra russo-japonesa de 1905 para a Rússia. Essa derrota provocara as explosões revolucionárias urbanas – com epicentro na cidade de São Petersburgo (rebatizada durante a guerra de 1914-1918 como Petrogrado) –, a falida revolução democrática

de 1905 e também, mas tardiamente, os posteriores levantes camponeses de 1906-1907.¹

A Rússia era poderosa e fraca ao mesmo tempo. De 1860 (abolição da servidão) até 1913 cresceu economicamente entre 5% e 8% ao ano e fora implantado um capitalismo industrial. Sua produção de carvão cresceu de 6 milhões de toneladas em 1890 para 36 milhões em 1914. Era a segunda produtora mundial de petróleo e a quarta potência industrial do mundo. Vários ramos industriais (têx-

teis, produtos químicos, elétricos e armamento) competiam em eficiência e produtividade com os países industrializados. A indústria localizava-se principalmente em São Petersburgo e Moscou. Havia se constituído uma classe operária industrial. Era a sexta nação comercial do mundo. Esse o seu lado forte.

Mas a Rússia tinha seu lado fraco. Em 1914 havia somente 3 milhões de operários industriais, ou seja, 1,75% da população. Contava com empresas têxteis de mais de 10.000 operários, mas o trabalho industrial era intensivo e com tecnologias atrasadas. A maioria das grandes empresas estava em mãos de empresários estrangeiros: em 1914 eles controlavam 90% da mineração, quase 100% da extração de petróleo, 40% da indústria metalúrgica e 28% da indústria têxtil. Para se industrializar o império czarista se endividara enormemente com investidores públicos e privados estrangeiros. A *primeira debilidade* era que a sua estrutura industrial correspondia ao que hoje denominamos de “um país em vidas de desenvolvimento”, dado que grande parte da indústria se concentrava nos setores têxtil e de alimentação e 74% das exportações eram de produtos agrícolas e madeireiros.

A Rússia necessitava das máquinas estadunidenses, alemãs, francesas, etc., para avançar industrialmente e competir nos mercados internacionais. Ainda que fosse a quarta potência industrial, em 1914 estava muito atrás dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Alemanha em produção de aço, energia e na produção manufatureira. Em 1913 o nível de industrialização *per capita* da Rússia era menos da quarta parte do da Alemanha e menos da sexta parte do da Grã-Bretanha.²

A *segunda debilidade* consistia em que, em 1914, 80% da população vivia da agricultura, com fortes laços dos camponeses com a comunidade (o *mir*, uma instituição rural surgida após a abolição da servidão, em 1861). A Rússia era uma “sociedade rural” com uma agricultura “medieval”. A maioria dos camponeses era pobre e seus hábitos de vida e de trabalho eram medievais. Ainda que houvesse grandes e médias explorações capitalistas, predominava a pequena fazenda assentada na posse comum da terra, no cultivo de tipo barbecho e na redistribuição periódica das terras segundo as famílias. As comunicações eram deficientes. A produtividade do trabalho era extremamente baixa: entre 1890 e 1914 aumentou em 0,5% por ano.

A Rússia era uma “sociedade rural” com uma agricultura “medieval”. A maioria dos camponeses era pobre e seus hábitos de vida e de trabalho eram medievais.

Assim, pelo impacto negativo do atraso rural, o produto nacional *per capita* da Rússia aumentou entre 1890 e 1914 em apenas 1% por ano. Nessas condições, o mercado nacional era insuficiente para permitir a acumulação capitalista.

O império czarista era multinacional, com o domínio da Rússia sobre as nacionalidades eslavas e não-eslavas (estas últimas predominantemente islâmicas) oprimidas. O império se sustentava numa “Igreja de Estado” cristã-ortodoxa implantada como religião dominante para os povos eslavos. A população russa eslava era amplamente majoritária em relação às outras etnias e estava distribuída em todo o território. O vértice político do império era o Estado autocrático. Este necessitava levar o país à modernidade para garantir a continuidade da dominação da nobreza latifundiária e a conservação de seu poder como grande potência euro-asiática. O Estado concentrava suas energias nas necessidades militares (ferrovias, ferro, aço e armamento) e para isso devia se apropriar dos excedentes agrícolas para exportar e conseguir as divisas estrangeiras necessárias para as importações industriais. O czarismo representava os interesses e a ideologia de uma nobreza latifundiária não interessada num desenvolvimento capitalista clássico. Mas a sociedade russa necessitava de uma “revolução democrática burguesa” e o principal obstáculo era justamente o sistema czarista. Essa revolução democrática começaria na Rússia, mas para preservar a unidade do território do antigo império devia se estender às nacionalidades oprimidas.

A burguesia liberal russa pretendia reformar pacífica e negociadamente o poder czarista. Para conseguir isso, lutou pela criação da Duma de Estado. Esse era um parlamento muito frágil, que o czar Nicolai II abria e fechava segundo as circunstâncias políticas. Os partidos “burgueses” (Democrata Constitucional e “Outubrista”) aceitaram essas regras políticas do czarismo absolutista durante o período 1907-1917. Era possível que, se a imensa população camponesa se mobilizasse (como o havia feito em 1906-1907) para conseguir uma reforma agrária, e se essa mobilização coincidissem com novos levantes operários, se criaria uma situação revolucionária que arrastaria também a burguesia



Nicolai II

liberal. Mas o campesinato, aprisionado pela combinação entre seu apego ao “mundo feudal” e reprimido pela violência estatal, necessitava ser estimulado por um impulso externo proveniente das insurreições operárias e populares nas principais cidades da Rússia. Dito de outra forma, a classe operária e o campesinato eram as forças motrizes da revolução democrática. Mas a revolução começaria na cidade. As previsíveis insurreições se deram em fevereiro de 1917 em São Petersburgo, em Moscou e com menor intensidade em outras cidades.

A classe operária industrial russa já estava formada desde o final do século XIX. Padeceu dos mesmos males que a classe operária inglesa sofrera durante a primeira revolução industrial: as famílias operárias viviam amontoadas, pagando altos aluguéis, sem saúde nem educação, os chefes de família trabalhavam jornadas extenuantes por salários de fome, as mulheres e as crianças que trabalhavam sofriam discriminações e superexploração. Existia um fermento revolucionário nesse jovem proletariado de origem predominantemente camponesa. Esse fermento era um “campo fértil” para os social-democratas, anarco-sindicalistas e social-revolucionários. Só em 1913 o governo czarista efetuou 100.000 prisões de militantes revolucionários. A Rússia era um “barril de pólvora”, e a agitação operária se estenderia – num país esgotado pela guerra – de Petrogrado para outras cidades e províncias do império. *A derrocada da Rússia czarista na Primeira Guerra Mundial, a partir de 1916, libertará as forças sociopolíticas contrárias ao absolutismo czarista e dará início à Revolução Russa.*

Quando se inicia em 1914 a Primeira Guerra Mundial, a autocracia czarista acreditava que a nação se manteria firme até conseguir a vitória militar como componente da *Entende* (junto com a Grã-Bretanha e a França), em luta contra a coalizão dos países centrais com o eixo Alemanha-Áustria. Assim pareceu a princípio. Mas o fator decisivo não será o patriotismo russo, mas o atraso econômico, social e técnico da Rússia, que a condenava à derrota. O exército russo era dirigido por altos oficiais pouco qualificados e os soldados eram, em sua maioria, camponeses analfabetos pouco aptos para adaptar-se a uma guerra industrializada mo-

derna. O império czarista que foi à guerra era uma grande máquina estatal montada para reproduzir a dominação de uma classe moribunda: a nobreza latifundiária. Era um império com pés de barro. Depois de três anos de carnificina, o “exército camponês-tzarista” desmoronou diante da superioridade alemã. Triunfa a revolução democrática de fevereiro de 1917 e autocracia czarista é derrubada. Os camponeses-soldados abandonam massivamente as trincheiras e voltam às suas terras para ocupá-las. Surgem os soviets de operários, soldados e camponeses (esses últimos muito fracos). Estabelece-se a dualidade de poderes entre os soviets e o Governo Provisório.

O país estava devastado. A coalizão entre os partidos Democrata Constitucional, Social-democrata menchevique e Social-Revolucionário é incapaz de resolver os três problemas centrais da revolução: a paz em separado com a Alemanha, a reforma agrária e o pão. Entre agosto e setembro de 1917 se agrava a crise política. A solução

jacobina bolchevique ganha rapidamente grandes camadas da classe operária e do campesinato. O Partido Operário Socialdemocrata bolchevique, liderado por Lênin, com o apoio dos soviets, toma o poder em outubro em Petrogrado e Moscou. Propõe-se a resolver os três problemas mencionados. O país multinacional é agora dirigido para o socialismo, em meio a uma guerra civil com intervenções militares estrangeiras destinadas a derrotar

os bolcheviques. O novo governo soviético aplica o “comunismo de guerra”, que só serve entre 1918 e 1920 para sobreviver. Mas finalizada a guerra civil em 1920, novas condições internas e internacionais da Rússia tornariam evidente para os bolcheviques que necessitavam de um novo programa para *fundar com bases nacionais sólidas a transição para o socialismo: assim nasceu, em princípio de 1921, a NEP.*

Mas uma nova calamidade golpeou o povo russo. Na primavera de 1921, logo depois do levante antibolchevique dos marinheiros na base militar de Kronstad, aconteceram secas, tempestades de areia

e uma praga de gafanhotos nas províncias do Sul e do Sudeste. Teve que se recorrer à ajuda da “caridade burguesa” estrangeira. Porém, 36 milhões de pessoas foram atingidas. Reapareceu o canibalismo no campo, em contraste com as idéias humanistas difundidas a partir das grandes cidades.

Todas as classes sociais – com a exceção parcial do campesinato – se encontravam exauridas em 1921, ou completamente destroçadas. A aristocracia latifundiária havia sucumbido ou se exilado; o mesmo ocorrera com a débil burguesia; a antiga intelectualidade e a burocracia tinham se exilado ou se convertido em especialistas do novo regime. A supressão “temporária” dos partidos de oposição durante a guerra civil (cadetes, mencheviques, social-revolucionários), inevitável, dada a participação desses partidos na oposição militar ao bolchevismo, agora, terminada a guerra civil, mostrava sua *face negativa: a ausência de concorrência ideológica entre partidos.*

Também a classe operária estava “pulverizada”: os operários mais valorosos e politizados tinham sido mortos na guerra civil, outra parte se transformara em “comissários” que já não pertenciam à classe operária, outra parcela fugira para os campos, reabsorvida por suas origens camponesas. A classe operária havia se desqualificado. Como escreve Isaac Deutscher:

A dispersão da antiga classe operária criou um vácuo na Rússia urbana. O antigo movimento operário, seguro de si e com a consciência de classe, com suas muitas instituições e organizações, sindicatos, cooperativas e clubes educativos, que estavam acostumados a repercutir vigorosas e apaixonadas discussões, e eram um fervedouro de atividade política, eram agora um invólucro vazio.³

Assim, a situação, a ditadura do proletariado triunfava, mas o proletariado russo, e com ele seu vigor mental e capacidade política, tinham desaparecido. Esse fato, além de sua incidência na economia e na sociedade, colocaria um novo problema para o marxismo: o Partido Comunista, sem uma classe operária vigorosa, se converteria, para conservar o poder de agora em diante, numa – como diria Lênin – “auto-representação” desses trabalhadores dizimados e substituídos por migrantes camponeses sem cultura operária. Em algum momento Lênin dirá que o Estado já não era a ditadura do proletariado, mas a ditadura de “nós mesmos”, em referência aos membros do PCb.

Os camponeses – os *mujiques* –, libertados da dominação senhorial, preferiam a pobreza com trabalho aos discursos incendiários dos agitadores comunistas.

Como dissemos, em seu melhor momento – 1913 – a indústria de grande escala na Rússia não empregava não mais do que 3 milhões de operários. Em 1921 só 1.500.000 continuavam empregados, mas em parte inativos. O governo continuava pagando-lhes, à espera da reativação econômica, mas na realidade eram mendigos. Uma parte desse proletariado inativo ganhava a vida fazendo trabalhos ocasionais, comerciando no mercado negro ou percorrendo as aldeias próximas em busca de alimentos.

Só o campesinato resistira. Era indestrutível, como a própria natureza. Conservara sua identidade e seu lugar na sociedade. Agora possuía terra. É verdade que vivia na pobreza, mas ela já lhe era conhecida. Os camponeses – os *mujiques* –, libertados da dominação senhorial, preferiam a pobreza com trabalho aos discursos incendiários dos agitadores comunistas.

Assim, numa nação sem interesses de classe definidos – salvo do campesinato –, governava um partido que dizia representar uma classe que existia em dispersão. O PCb via a si mesmo como um “usurpador” cuja principal tarefa era recriar sua base sociopolítica: a classe operária. A condição para isso era preservar sua coesão interna, ser um partido “monolítico”. Daí que em 1922 se proibissem temporariamente as correntes partidárias internas.

Mas o Estado já não era “operário”: os soviets não podiam representar uma classe inexistente. A representação camponesa era minoritária. Os bolcheviques se afeerravam à única força que tinham em mãos: representavam a aliança operário-camponesa num Estado de partido único. Deviam renunciar ao poder? Um governo revolucionário que ganhara uma guerra devastadora, com “inimigos-adversários” derrotados e dispersos, não podia ceder o poder. O PCb era um partido de novo tipo, que não registrava antecedentes nas revoluções inglesa e francesa (séculos XVII e XVIII, respectivamente), era uma organização sólida e decidida. Era “a vanguarda e a elite da classe operária”, como escreveu Deutscher.

Pois bem, esse partido “usurpador” do poder se propôs em 1921 a “refundar” o seu programa para poder governar: a NEP pretendia harmonizar



Isaac Deutscher

os mercados com uma economia socialista de planificação central. A essa conclusão se chegou principalmente pela percepção de seus principais líderes: Lênin e Trotski. Lênin, porque estava adestrado em grandes viragens históricas; Trótski, porque durante a guerra civil estivera em contato vivo com o campesinato (que fornecia os alimentos ao Exército Vermelho), e compreendeu que sem melhorar as

condições de vida rurais seria impossível manter uma maquinaria militar apta para apoiar o desenvolvimento da revolução mundial. Os dirigentes do PCb compreenderam que necessitavam de tempo. Esse tempo era a NEP, promulgada em 1º de abril de 1921.

Os bolcheviques fizeram a Revolução de Outubro com a convicção de que eles iniciaram, como disse Deutscher, “o salto da humanidade para o reino da liberdade”. Viam o “mundo burguês” desmoronar em todas as partes depois da Primeira Guerra Mundial. Tinham os olhos voltados para a Alemanha, país que consideravam chave para acelerar a revolução proletária em escala internacional. Em 1921 saíram vitoriosos da guerra civil. Mas ao olhar para seu próprio país, descobriram que a Rússia soviética se encontrava isolada, no fundo do poço, esgotada, faminta, consumida pelas doenças e abatida.

O que fazer? Os bolcheviques compreenderam que existia um abismo entre o sonho revolucionário e a realidade. Mas era necessário continuar acreditando na “iminente” revolução na Alemanha, que triunfante se uniria à Rússia. Nesse ano de 1921, por fim, chegava a paz ao país: os exércitos brancos foram dissolvidos, os exércitos da intervenção se retiraram, se fizera a paz com a Polônia. As fronteiras europeias da Rússia foram fixadas. Agora, se devia acelerar a revolução socialista na Alemanha. Mas em março de 1921 manifesta-se a primeira desilusão com o fracasso de um levante comunista, desesperado e mal preparado, no centro do país.

A nova nação soviética estava destroçada e à beira da dissolução. A renda nacional era uma terça parte daquela de 1913, a indústria produzia menos de uma quinta parte dos bens do que eram produzidos em 1913, as minas de carvão produziam menos de uma décima parte do que se pro-

duzia em 1913, as ferrovias estavam destruídas, a troca de produtos entre a cidade e o campo estava paralisada. Moscou tinha 50% a menos de pessoas do que em 1913, e São Petersburgo 30% a menos; os habitantes dessas cidades viviam com 60 gramas de pão e sopas congeladas. O levante de Kronstad obrigara a acabar com o comunismo de guerra.



Charles Bettelheim

Nesse contexto, se implantou a NEP. Foi inicialmente pensada como um “retrocesso tático forçado” para acumular forças e retomar a construção de uma economia coletivista. Seu propósito imediato consistia em induzir os camponeses a vender alimentos e os comerciantes a trazerem os alimentos do campo para a cidade, do produtor para o consumidor.

A NEP DE “RETIRADA TÁTICA” A CONSTRUÇÃO ESTRATÉGICA

A NEP foi aplicada na Rússia soviética a partir de 1921; foi abandonada em 1929 e substituída por um plano de “desenvolvimento industrial forçado” a partir deste ano, quando o PCb e o Estado passam a ser controlados por J. V. Stálin e sua corrente político-ideológica hegemônica no sistema de partido-Estado. Por certo que na URSS a NEP foi até a *perestroika* e a *glasnot*, em meados da década de 1980 do século passado, *um tema tabu*. A NEP foi desvalorizada durante o longo período de hegemonia político-cultural stalinista na URSS e no movimento comunista internacional.⁴

A NEP foi um tema secundário nos estudos sobre a construção do socialismo na URSS. Está claro que isso se explica antes de tudo pela viragem stalinista de 1929, e os êxitos temporários da economia de planificação central na URSS e sua extensão depois da Segunda Guerra Mundial aos países da Europa central e oriental a partir de 1948.⁵ Salvo exceções, tampouco foi um tema teórico de referência importante para partidos comunistas dos países capitalista, que para tentar se diferenciar do “socialismo real” formularam abertamente idéias “nepistas” como modelos econômicos socialistas



Alec Nove

para seus próprios países (por exemplo, o Partido Comunista Italiano durante seu período “eurocomunista”). Os partidos socialistas e socialdemocratas europeus tampouco se preocuparam em estudar o tema. Na Europa ocidental somente alguns investigadores

isolados, entre eles Charles Bettelheim e Stephen Cohen, deram importância ao tema da NEP.⁶ Mas o maior historiador da economia soviética no Ocidente, Alec Nove, em sua importante obra *A economia do socialismo possível*, comenta a NEP em somente três páginas.⁷

Por que um sucesso de tanta importância – dado que a NEP, que vigiu na Rússia durante oito anos, implicou a edificação não só de um sistema econômico, mas de um regime de compromissos políticos, econômicos e sociais entre o Estado e a classe operária e o campesinato – não foi estudada com maior relevância até a ascensão ao poder de Mikhail Gorbachev na URSS? Quando o canto do cisne anunciava a morte do “socialismo real”, as idéias da NEP e a figura de um de seus principais teóricos, Nicolai Bukhárin, fizeram parte de uma desesperada tentativa de Gorbachev e outros líderes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de recuperar o leninismo dos anos da NEP. Foi uma tentativa tardia. O próprio PCUS, já vencido ideologicamente e em estágio de decomposição, não estava em condições de dirigir uma nova viragem de grande magnitude. A foice da morte já havia se levantado e estava pronta para dar fim à existência do chamado “socialismo real” na URSS e nos países “socialistas” da Europa central e oriental.⁸

A NEP é um tema importante e apaixonante. A experiência fracassada de construção do socialismo num país que chegou a ser uma das superpotências militares mundiais gerou tal crise ideológica na velha esquerda, que mitos políticos e intelectuais marxistas chocados pelo cataclismo metem toda a história soviética no mesmo saco, incluindo entre os refugos a experiência nepista, a planificação e outros. Mas se pode afirmar que a NEP foi uma séria tentativa para entender e aplicar a fórmula marxista que, se bem que o socialismo só poderia nascer plenamente nos países capitalis-

tas avançados, no caso de que previamente a revolução socialista acontecesse num país periférico (ainda que geopoliticamente importante, como era o do império czarista), *isso requeria inevitavelmente uma estratégia política para garantir que o jovem Estado socialista contasse com os recursos políticos e técnicos para “organizar” uma economia de propriedade mista e capacitá-la para incorporar-se com decisão na economia mundial.*

Dessa estratégia “nepista” dependia que o socialismo triunfante na URSS superasse a fase inicial de domínio (1917-1921) e se instalasse como uma longa fase de hegemonia, na linguagem de Antonio Gramsci. A NEP não foi só uma resposta a partir da economia à política no PCb num momento de crise. Como veremos *não se limitou à dimensão das relações econômico-sociais, mas incluiu as dimensões social, político-institucional e cultural.* A NEP seria condição necessária para tornar compatível o desenvolvimento constante das forças produtivas com a democracia socialista pluralista. A NEP é um enigma a descobrir. A NEP esconde *en potencia* aquilo que Hegel denominou a “astúcia da história”. Simplesmente porque, como se verá neste artigo, em seu desenvolvimento podiam desenvolver os fundamentos “histórico-concretos” de uma audaciosa experiência para fundar uma “nova civilização” (socialista) que controla os mercados e se propõe a estabelecer uma relação dialética de tensão e assimilação com os componentes potencialmente revolucionários que existem no interior da “civilização do capital”, que deu lugar em menos de 200 anos a *três grandes revoluções tecnológicas e a formação da economia global.*

Pois bem, tendo colocado de forma sintética a hipótese central deste ensaio, o que foi concretamente a NEP? A NEP foi idealizada por Lênin e Bukhárin⁹ em 1921, como vimos, como opção econômica aos limites insalváveis do “comunismo de guerra” (1917-1920). A guerra civil terminara com a derrota da contra-revolução “branca”. Mas o sistema econômico estava arrasado. Trótski, em 1920, advertira que era necessário reativar a economia eliminando os confiscos de cereais aos camponeses. O “mal-estar social” começava a se estender na Rússia soviética. O primeiro fato político que mostra que os bolcheviques estão buscando um novo caminho se dá em 1920 quando são eliminados os comitês de camponeses pobres, para evitar confron-

tos desnecessários e perigosos com a ampla camada de camponeses médios constituída a partir de 1918 com a distribuição em usufruto individual da terra nacionalizada.

Vários fenômenos políticos provocam, entre 1920 e 1921, a formulação programática da NEP. Três têm como denominador comum que apontam contrariamente ao controle político dos bolcheviques. Os fenômenos são: a) a rebelião marinheiros (predominantemente de origem camponesa-ucraniana) que se dá em março de 1921, na base militar de Kronstad, com a palavra de ordem “soviets sem comunistas” e reclama como ponto central liberdades para os camponeses fomentar a pequena economia rural; b) as greves operárias em Petrogrado e outras cidades em 1921; e c) em 1920, os levantes camponeses antibolcheviques na Ucrânia e no sul da Rússia, levantes sociais que se desenvolvem por sua vez em áreas onde se dão nesse ano conflitos militares em *diferentes frentes* entre o poder soviético e a Polônia, em primeiro lugar; o poder soviético e um exército nacionalista ucraniano antibolchevique, em segundo; e, por último, entre o poder soviético e o derradeiro Exército Branco sobrevivente.

Os fenômenos políticos analisados tornaram visível o problema central da Revolução Russa: a necessidade de consolidar o poder soviético por meio de um modelo econômico e social que representasse as principais linhas de forças revolucionárias situadas na “aliança camponesa” e cuja meta proclamada era edificar uma economia industrial-agrícola socialista. Na realidade, a economia política nepista foi a resposta teórico-política de um Estado instado a enfrentar um grande desafio: *como resolver a entrada no mundo do socialismo como modelo econômico-social e político num país com graves déficits “históricos” em matéria de realização e desenvolvimento institucional dos mercados.*

A NEP foi em seu início uma *opção econômica*. Como escreve Bettelheim:

A guerra civil terminara com a derrota da contra-revolução “branca”. Mas o sistema econômico estava arrasado. Trótski, em 1920, advertira que era necessário reativar a economia.

Parte da constatação do fracasso do “comunismo de guerra”, e ainda voltando aparentemente às concepções de 1917-1918, formula na realidade progressivamente uma nova estratégia, uma estratégia enriquecida pela experiência e que leva em conta, cada vez melhor, o fato de que a revolução proletária na Europa industrial já não parece tão iminente, o que obriga a colocar cada vez mais claramente os problemas da edificação do socialismo num país de maioria camponesa e a definir, portanto, uma estratégia de classe e uma nova estratégia econômica diferente do admitido até então.¹⁰

A primeira pergunta é como se origina o conceito concreto da NEP. Ele é formulado inicialmente por Lênin na primavera europeia de 1921, como “compromisso temporário” para “se manter até a vitória da revolução internacional”.¹¹ É fundamental entender o sentido dessa afirmação de Lênin, porque está vinculada à pergunta: *por que os bolcheviques tomaram o poder na Rússia sem um programa detalhado da formação econômico-social que deviam construir?* Porque Lênin e seu partido pensaram a Revolução Russa como início ou “primeiro degrau” para acelerar a revolução em alguns países desenvolvidos, em primeiro lugar na Alemanha. Portanto, para Lênin programaticamente o principal era derrotar o czarismo, libertar os camponeses do jugo latifundiário,¹² paralisar-desarticular a burguesia russa urbana e rural (nacionalizar as terras e empresas, controle operário, etc.), e estabelecer uma ditadura baseada na aliança estatal do proletariado e dos camponeses pobres. Essa aliança “estatal” se sustentava num novo exército revolucionário e nos soviets.

Lênin afirmava que a aliança revolucionária entre a Alemanha e a Rússia seria o primeiro passo dentro de um grande cenário histórico mundial.

Mas para os bolcheviques o destino final da Revolução Russa se decidiria no campo internacional, isto é, os bolcheviques pensavam a revolução na Rússia como parte integrante da revolução “soviética” que se “daria” na Alemanha. Triunfante a revolução alemã, os bolcheviques – dito em grande traços – confiavam que nesse país se criaria uma poderosa indústria socialista, que se articularia com a Rússia camponesa numa formação econômico-social socialista. Lênin afirmava que a aliança revolucionária entre a Alemanha e a Rússia seria o pri-

meiro passo dentro de um grande cenário histórico mundial dominado por uma luta entre sistemas, que desembocaria na vitória do socialismo em escala mundial.

Para Lênin, a NEP era no início um “retrocesso tático”, e não pretendia com ela abrir uma “nova via” para o socialismo. Comportava o abandono dos confiscos impostos aos camponeses durante o “comunismo de guerra” e sua substituição por um imposto em espécie; o restabelecimento de certa liberdade para as trocas comerciais entre os camponeses (90% da população das aldeias do ex-império czarista) e a abertura ao capital estrangeiro (industrial e financeiro) para colocar em marcha a indústria. A NEP aparece assim como uma variante do “capitalismo de Estado” para manter a aliança operário-camponesa e esperar (e incidir) na “próxima” e “inevitável” revolução proletária na Europa ocidental.

UMA NOVA POLÍTICA ECONÔMICA PARA RESOLVER O “PROBLEMA CAMPONÊS”

Lênin não confiava no campesinato – agora liberado da opressão semifeudal e convertido em produtor independente, com o usufruto da terra nacionalizada – por sua mentalidade “pequeno-burguesa”. Por isso, *a NEP deveria ser uma aliança entre o Estado proletário e o capitalismo de Estado para bloquear a “tendência espontânea” do campesinato para o capitalismo.*

No III Congresso da Internacional Comunista (julho de 1921), Lênin manifesta sobre os camponeses que

[como] não se pode expropriá-los, nem é possível ficar livres deles, deve se travar uma luta diferente. O significado do período que agora se inicia na Rússia, do ponto de vista internacional – se consideramos a revolução internacional como um processo único – consiste essencialmente em que devemos resolver de maneira prática o problema das relações do proletariado com a última classe capitalista [...] Penso que poderemos enfrentar esta tarefa. Em todo caso, a experiência que estamos vivendo será útil para as futuras revoluções proletárias, e essas saberão preparar-se melhor do ponto de vista técnico para resolver o problema.¹³

Em síntese, Lênin pensa no início de 1921 que a NEP é uma aliança do socialismo e do capitalis-

mo de Estado *contra o desenvolvimento espontâneo da pequena produção*, e ao mesmo tempo uma forma de *ajudar* os camponeses russos a se incorporarem voluntariamente ao processo de construção socialista. Na Rússia, diz Lênin, só existem “condições políticas” suficientes, mas ainda predominam condições economicamente insuficientes para edificar o socialismo. A NEP é a via para estabelecer relações econômicas regulares entre o campo e a cidade na atrasada Rússia, nas condições da “ditadura do proletariado”. *A NEP poderia ser a via para transformar o capitalismo de Estado em socialismo*.¹⁴ O ano de 1921 é fome generalizada. A produção industrial – elo entre todos os setores da economia – não avança. Então se dá um novo passo dentro dos marcos da NEP destinado a *ampliar as relações mercantis monetárias entre o campo e a indústria*. Em outubro de 1921, num “Informe” apresentado à VII Conferência do Partido, já se modifica a definição da NEP: é a “segunda NEP”.

Dizíamos nesta primavera que não temeríamos o retorno ao capitalismo de Estado, e afirmávamos que nossa tarefa era precisamente estruturar a troca de mercadorias [...] projetávamos realizar em todo o país uma troca, mais o menos socialista, de artigos industriais por produtos do agro, e graças a essa troca restabelecer a grande indústria, como único fundamento da organização socialista. Mas o que ocorreu? [...] que a troca de mercadorias fracassou e tomou a forma de compra e venda. Devemos admitir que o retrocesso não foi suficiente, que é indispensável retroceder ainda um pouco mais, dar outro passo atrás na transição do capitalismo de Estado ao controle estatal de compra e venda e da circulação monetária.¹⁵

A mudança proposta por Lênin é profunda. Na teoria do capitalismo de Estado anterior à NEP pretendia-se estabelecer relações diretas de longa duração (não monetárias) entre unidades de produção, entre a agricultura e a indústria, entre a cidade e o campo. Agora se coloca uma *segunda variante da NEP*, na qual a aliança ente o capitalismo de Estado e o socialismo dá lugar à busca de uma aliança consensual entre o Estado proletário e os camponeses, baseada nas relações monetário-mercantis. O objetivo estratégico é renovar o “acordo político” entre os proletários e os camponeses pobres e médios.

Mas a NEP implicava uma “reformulação” dos conteúdos políticos e econômicos da aliança operário-camponesa, dado que agora se deviam unir e compatibilizar as tensões entre as diferentes trocas

sociais que se realizavam nos mercados e nos imperativos da planificação. A aliança estatal fundamental que sustentava a “ditadura do proletariado” se mantinha, mas devia contemplar os interesses de outras camadas sociais “burguesas” (os camponeses abastados, os chamados “nepman”, grupo composto por comerciantes, pessoal técnico das empresas privadas, etc.), o que seria muito difícil de ser conseguido, salvo se o PCb promovesse modificações políticas e orgânicas internas para expressar também interesses sociais que tradicionalmente eram representados pelos partidos de oposição agora ilegais.

Como ocorreu em toda revolução profunda, a fase de transição até a consolidação da nova formação econômico-social e do novo tipo de Estado que a sustenta inclui como condições a hegemonia de um bloco sociopolítico hegemônico. A combinação entre o colapso de autocracia, a incapacidade dos mencheviques e dos social-revolucionários para tirar a Rússia da guerra mundial e a ausência de tradições políticas democráticas criaram o cenário para o exercício do poder pela “ditadura bolchevique”. Mas a arquitetura político-institucional da NEP incluía potencialmente a questão da dialética entre o pluralismo político partidário e a construção de uma formação econômico-social socialista. Lamentavelmente a NEP durou muito pouco tempo, sem que se consolidasse a nova formação econômico-social e se estabelecesse um novo tecido de classes e camadas sociais identificadas com a lógica econômica e política de uma economia socialista apoiada nos mercados. Muito resumidamente, pode-se afirmar que a prematura morte de Lênin, a subsequente desordem política no interior do PCb durante o período 1924-1927, o pânico imperante entre os comunistas em 1928 diante do boicote camponês e o perigo de agressão militar externa restabeleceram métodos políticos autoritários próprios da etapa do “comunismo de guerra”, agora mais sofisticados pelo que se conhece como “stalinismo”.

Mas voltemos a 1921. A viragem supõe o reconhecimento de que o partido bolchevique tem uma

O objetivo estratégico é renovar o “acordo político” entre os proletários e os camponeses pobres e médios.

débil penetração no campo, e só ganhando os camponeses “médios” é possível controlar o previsível fortalecimento dos camponeses ricos (*kulaks*), aos quais também pode favorecer temporariamente essa “segunda NEP”. Trata-se de estabelecer, como dissemos, uma aliança econômica dentro de uma aliança política entre o proletariado e o campesinato médio que limite o poder dos camponeses ricos, comerciantes e usurários. A meta principal no campo é generalizar a formação voluntária de cooperativas.



Trótski

Dado que, como comentamos, os bolcheviques inspiravam-se nos jacobinos franceses para justificar a ditadura do proletariado que agora tinha como tarefa garantir o êxito da NEP, deveria se esclarecer uma diferença nítida que existiu entre *jacobinismo* e *bolchevismo*. É certo que os bolcheviques compartilhavam com os jacobinos a mesma idéia de como conservar o poder (a ditadura). Mas enquanto os jacobinos pensavam na ditadura como ferramenta para constituir uma sociedade igualitária de pequenos produtores, sem prestar muita atenção na questão do mercado (o que estava na contramão da legitimidade histórica da revolução – como compreende Danton – de ser a parteira do nascimento de uma sociedade burguesa com instituições de democracia social, e por isso reconhecida como legítima pelo povo simples), os bolcheviques estavam tentando por meio da NEP, pelo método de eliminação por erro, promover o nascimento de uma sociedade industrial baseada economicamente na combinação dinâmica entre um setor industrial socialista, uma economia agrária cooperativa e um setor capitalista privado com fortes investimentos estrangeiros nas indústrias de ponta, projetos energéticos, etc. Isto é, uma *economia socialista de mercado e um regime de propriedade mista com hegemonia da propriedade socialista. É muito simplista, e portanto equivocado, subsumir o bolchevismo e o jacobinismo* num único esquema ideológico, embora se assemelhem dentro de uma visão comum da importância inicial da violência em todo o processo revolucionário.

O igualitarismo jacobino levava inevitavelmente a seu isolamento e destruição, enquanto que a teo-

ria nepista podia assentar as bases de um modelo econômico-social apto para liberar e desenvolver uma variedade de forças socioprodutivas. É possível imaginar que o novo tecido de relações sociais, políticas e culturais constituído entre as classes e camadas sociais intervenientes na NEP acabaria por obrigar os bolcheviques a en-

frentar a necessidade de recolocar a estrutura do Estado, *dado que garantir a representação política de interesses sociais plurais seria essencial para preservar a natureza socialista da revolução.*¹⁶

□ PREÇO DE TOMAR O PODER SEM UM PROGRAMA ADEQUADO

Lênin raciocina entre o final de 1920 e o início de 1921 sobre um déficit teórico e político: ter tomado o poder sem um programa socialista específico para a Rússia, porque se supunha inevitável a revolução em outros países europeus. Na Europa, a esperança da revolução se desvanecia. Isso Lênin começara a suspeitar depois da derrota de 1920 na guerra com a Polónia. A estratégia de substituir na Alemanha a República de Weimar pela república dos soviets estava provocando levantes comunistas fracassados. Lênin começa a pensar numa estratégia temporariamente “defensiva” que depois se denominará de “socialismo num só país”. Tratava-se do plano de construir o socialismo em condições de isolamento internacional. Para isso, necessitava-se de um programa econômico adequado.

Esse esforço intelectual era feito por um homem de grande inteligência e cultura superior, mas gravemente doente e *quase em solidão*, num partido formado na “segurança” de que o capitalismo estava “moribundo” em escala mundial. Em 1922 acelerou-se a enfermidade cardiovascular que o levaria à morte dois anos mais tarde, depois de sucessivos ataques cerebrais. Nicolai Bukhárin o acompanhava em suas novas reflexões, mas carecia do nível teórico e da flexibilidade dialética do pensamento de Lênin. Leon Trótski, o outro grande líder da revolução, se bem que, como dissemos, fora o primeiro a captar a necessidade de uma grande viragem na política econômica para aliviar a pressão estatal sobre os camponeses (o apoio camponês era

a condição para a própria existência do Exército Vermelho que Trótski comandava como Comissário da Guerra), se manterá relativamente marginalizado da elaboração teórica “nepista”. Acreditava que a NEP era um parêntese. Era partidário do que se conhecerá como “acumulação socialista originária”. Seu interesse principal era a industrialização acelerada. Talvez essa débil participação de Trótski no processo social e político que acabará desembocando na estratégia do “socialismo num só país” tenha sido a causa de fundo de sua pronta fragilidade política e fácil marginalização do poder em 1925.¹⁷

Em 1922 Lênin conclui que “a primeira onda da revolução mundial se apagou”. A segunda onda não se avizinha. Então, o líder revolucionário coloca o seguinte problema: que medidas, dado que a Rússia soviética está isolada internacionalmente, devem ser consideradas e adotadas para que o proletariado possa realizar com os camponeses uma aliança política de novo tipo para terminar de cumprir as tarefas democrático-burguesas da Revolução Russa que permita o avanço para uma formação econômico-social socialista, com base num regime de propriedade mista? Em 1923, depois do primeiro ataque cerebral, Lênin chegou a escrever três artigos que pretendiam dar consistência teórica à NEP: “Sobre a cooperação”, “Nossa revolução” e “Melhor pouco, porém melhor”.

É interessante comentar esses três artigos, escritos com esforço sobre-humano por esse homem, excepcionalmente inteligente, mas agora vítima de uma cruel enfermidade cardiovascular com impacto cerebral. No artigo “Sobre a cooperação”,¹⁸ Lênin faz uma viragem teórica na compreensão da empresa camponesa e das relações sociopolíticas no campo. Até essa data, os bolcheviques pensavam num sistema de cooperativa estatizado. *Agora Lênin pensa num regime cooperativo “voluntário” e auto-administrado pelos kolkosianos como parte integrante do “regime socialista”.* Rompe assim com a visão “estatista” do cooperativismo própria dos bolcheviques (e dele mesmo). A terra continua nacionalizada. A incorporação dos camponeses às cooperativas deverá ser voluntária. Ao mesmo tempo, é autorizada a compra e venda de parcelas de terra entre os camponeses. Os meios de produção fornecidos pela indústria pertencerão às cooperativas.

Lênin compreende que a ditadura do proletariado corre o risco de se converter num “Estado

burocrático”, com uma nova burguesia dominante (o que logo se denominará de “estadocracia”, conformada por uma “nomenklatura” de altos dirigentes comunistas e pessoal científico e técnico superior). Para impedi-lo começa por elaborar uma concepção nova sobre a relação entre a transformação das relações de produção na agricultura por via da cooperação e a transformação do Estado, ao que qualifica no artigo “Melhor pouco, porém melhor”, como “aparato czarista com tintura vermelha”.¹⁹ Não é casual que Lênin formulasse uma nova via para desenvolver as relações econômicas socialistas na pequena produção camponesa, e ao mesmo tempo se propusesse lutar contra segmentos do novo pessoal do aparato político e da burocracia herdada do czarismo. No artigo comentado, Lênin afirma que o Estado soviético não deve servir para “estrangular” a pequena burguesia rural (ainda que continue vigente a coerção da “ditadura do proletariado”), mas para convencer pacificamente as massas camponesas sobre as belezas do socialismo e poder assim consolidar o poder soviético.

No artigo “Sobre nossa revolução”, Lênin aborda outro problema estreitamente vinculado à cooperação rural voluntária: os ritmos de industrialização. Lênin insistia em que era decisivo acelerar a industrialização, combinando a empresa estatal com “uma grande iniciativa da base” e o desenvolvimento da pequena indústria local. Trata-se de controlar a megalomania e a falta de realismo dos aparelhos do Estado por meio das iniciativas provenientes da base dos operários e dos camponeses, insistindo assim *na necessidade de uma linha político-técnica de massas para a transformação revolucionária das relações sociais econômicas.* Busca-se aplicar uma política que garanta o controle das massas sobre os aparelhos do Estado e sobre os próprios comunistas.²⁰ No início de 1923, Lênin completa sua nova perspectiva (esboçada em 1922) de projeto do socialismo, insistindo na necessidade de uma revolução cultural liderada pelo proletariado industrial mas que penetre no campo para substituir as “culturas pré-burguesas” (buro-

Agora Lênin pensa num regime cooperativo “voluntário” e auto-administrado pelos kolkosianos como parte integrante do “regime socialista”.

crático-feudais) por uma cultura socialista capaz de assimilar os aspectos positivos da fase revolucionária democrático-burguesa iniciada em fevereiro de 1917.

A tensão psicológica e intelectual de Lênin é gigantesca. Procura produzir uma revolução cultural no partido para que este se oriente dentro da perspectiva de que *o socialismo na Rússia isolada só pode triunfar como resultado da união entre as políticas do Estado e as iniciativas “conscientes” dos proletários e dos camponeses, apoiados pelo novo pessoal científico e técnico “vermelho”*. Lênin chegou à conclusão de que se tem que capacitar a vanguarda proletária para compreender e garantir a execução de uma política estatal socialista dirigida para construir “seu próprio mercado socialista”. Esse mercado deve servir para edificar variadas relações sociopolíticas e sociotécnicas, aptas para se desenvolver dentro de um regime econômico de propriedade mista. Preservar a aliança operário-camponesa é vital para enfrentar uma situação internacional desfavorável, dado que Lênin começa a reconhecer que o centro de gravidade da revolução se desloca do Ocidente para o Oriente.²¹

Como salientamos, *o núcleo dirigente do PCB nunca chegou a entender o alcance estratégico da NEP*. Morto Lênin em 1924, os dirigentes bolcheviques (salvo Bukhárin, o chefe de Estado, Rikov, e o líder dos sindicatos, Tomski, e na Internacional Comunista, Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e outros) continuaram fiéis à *versão economicista* da NEP. Mas, como dissemos, para a maioria dos quadros comunistas a NEP era uma política econômica transitória imposta em consequência de uma “relação de forças desfavoráveis”. Como se sabe, du-

rante o período de 1924-1926 o poder se concentrou na troika Kamenev/Zinoviev/Stálin, que derrota Trótski numa luta frontal pelo poder, mas sem vincular essa luta à questão da NEP. Em 1926 o poder passa para a aliança entre Bukhárin e Stálin,

e agora abertamente sob a linha de associar a NEP à teoria do socialismo num só país. Mas também em 1926 voltam a se escutar fortes críticas de oposição de Trótski, Kamenev e Zinoviev, já excluídos do poder e unidos na concepção da “revolução permanente”, contra a estratégia de construir o socialismo num só país e exigindo um novo curso de industrialização acelerado. A NEP, salvo para Bukhárin, não era uma meta, mas uma *ferramenta temporária*.

Excetuando o desenvolvimento teórico de Bukhárin em favor da NEP como “modelo socialista” de longa duração, persistiu entre os intelectuais bolcheviques a idéia de que era só um “retrocesso tático”. Essa visão estreita da NEP facilitará indiretamente (num contexto de “pânico total!” do PCB pela momentânea resistência camponesa de 1928 em fornecer produtos agrícolas às cidades, que afetou os fundos de investimento dedicados ao desenvolvimento industrial e, portanto, a estabilidade do Estado), *que o stalinismo consiga se converter no defensor “simbólico” da continuidade da ditadura do proletariado diante dos perigos da desarticulação do Estado e de criação de um cenário de nova guerra civil*. Em 1929 o stalinismo realiza, por meio do Estado soviético, uma “revolução a partir de cima” de industrialização acelerada e coletivização forçada. Um dos objetivos desta última, desenvolvida entre 1929 e 1932, era controlar os camponeses com argumentos vinculados à palavra de ordem de “assalto frontal” contra as relações capitalistas e mercantis próprias dos anos do “comunismo de guerra”. Inicia-se uma grande violência contra segmentos do campesinato, do estrato social “nepista” e contra técnicos “burgueses”, o que provoca grandes ondas de fome no início da década de 1930 na Ucrânia e em parte na Rússia. O stalinismo substitui a NEP por uma *“economia socialista não-mercantil de planificação centralizada”*.²²

Ao encerrar-se o curto período da NEP, a economia russa havia superado os níveis de 1914: a produção agrícola e florestal alcançara 109,1% em relação ao ano de 1914; a produção industrial, 180%; o transporte, 193%; o comércio, 202,4%; e o comércio exterior, 80%. O crescimento anual acumulado da renda nacional entre 1924 e 1929 – segundo dados do Gosplan – foi de 45%. A produção de energia elétrica aumentara 60%.²³ Tinham se desenvolvido os sistemas

Que o stalinismo consiga se converter no defensor “simbólico” da continuidade da ditadura do proletariado diante dos perigos da desarticulação do Estado e de criação de um cenário de nova guerra civil.

de “sovkoses” e “kolkoses”, com respectivas dotações de capital e técnica; Iniciava-se a fabricação em massa de tratores e máquinas agrícolas e a instalação nas aldeias de estações de tratores estatais. Mas como salientamos, no período 1928-1929, aconteceram os movimentos locais de resistência com sabotagens (de camponeses médios e ricos) para resistir aos preços fixados pelo Estado. Ao mesmo tempo, se deu a ruptura de relações diplomáticas entre a URSS e o Reino Unido. A URSS estava isolada internacionalmente. Temia-se uma agressão militar imperialista e, portanto, necessitava-se acelerar a industrialização, em particular a indústria militar.



Bukhárin, Zinoviev e Kamenev

Entre 1928 e 1929 desenvolve-se o confronto entre o bloco liderado por Bukhárin, Rikov e Tomski, que pretende continuar com a estratégia da NEP, e o bloco liderado por Stálin, majoritário no Comitê Central, que deseja realizar uma viragem na NEP diminuindo o peso da economia mercantil e passando à ofensiva contra os *kulaks* e o capitalismo privado. É interessante destacar que Stálin denomina essa viragem “a última etapa da NEP”. E diz:

A NEP foi criada para preparar a vitória do socialismo sobre os elementos capitalistas. Ao passar à ofensiva em todas as frentes, ainda não renegamos a NEP, pois o comércio privado e os elementos capitalistas existem ainda e as finanças não estão mortas, mas ao desencadear nossa ofensiva damos por terminada a fase inicial da NEP e desenvolvemos a fase atual, que é a última.²⁴

Segundo Stálin, chegara o momento de acelerar o ritmo de desenvolvimento, exigido “prematuramente” em 1926 pela “oposição de esquerda” (Trótski, Zinoviev e Kamenev) e recusado como “irreal” até 1929 pelo grupo “direitista” liderado por Bukhárin. Essa contra-ofensiva se concretizará com o I Plano Quinquenal (1928-1933). De acordo com Stálin, o XIV Congresso do PCb (dezembro de 1925) fora o da “industrialização” e o XV Congresso (dezembro de 1927) o da “coletivização”. O I Plano Quinquenal foi aprovado na XVI Conferência do PCb em abril de 1929, sintetizando os objetivos dos dois congressos anteriores na fórmula de “industrialização acelerada e coletivização for-

çada”. Previa-se exercer a violência política como aspecto secundário, mas inevitável, para enfrentar a resistência dos *kulaks*, dos “elementos burocráticos” (pessoal do Estado) e da burguesia intelectual (os chamados “kulaks ideológicos”). As metas do I Plano Quinquenal do Gosplan seriam logo consideradas cumpridas

no XVII Congresso do PCb (janeiro de 1934), também conhecido como o “Congresso dos vencedores”.

A CONSTITUIÇÃO DA NEP COMO TEORIA DA TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

A NEP foi a primeira estratégia consistente para tornar viável a transição para o socialismo na Rússia. Descartada a idéia de uma “situação revolucionária direta” na Europa ocidental, a NEP será a via escolhida para desenvolver a economia da Rússia soviética dentro da escolha estratégica de *construir um “socialismo num só país” que coexistiria com o sistema capitalista mundial*. A URSS se encontrava nos anos 1920 nas etapas iniciais da industrialização, começada, como dissemos, no final do século XIX; era um país agrário, onde predominavam a pequena produção e as formas de trabalho “pré-mecanizadas”, e estava devastada pela Primeira Guerra Mundial, a guerra civil imediatamente posterior e a intervenção estrangeira. Quando a NEP acaba em 1928, recém havia sido recuperado aquilo que fora destruído pela Primeira Guerra Mundial, algo que, por certo, não era pouco.

Com aproximadamente 160 milhões de habitantes, a Rússia estava em 1928 na mesma etapa inicial da transformação industrial da economia em 1914. Era um gigantesco país, núcleo da recentemente constituída URSS, com uma baixa produtividade do trabalho; a proporção de habitantes rurais era então quatro vezes maior do que a de urbanos (81%-82% contra 19%-18%), a proporção dos camponeses e suas famílias era entre seis e sete vezes maior do que a proporção da classe operária (aproximadamente 75% contra 11%-12%). A metade da população adulta era analfabeta. No que pese sua enorme população, o Estado multinacional soviético produzia duas a três vezes menos tonela-

das de ferro do que a Alemanha, a Inglaterra ou a França, com populações de 40 a 50 milhões de pessoas. A produção industrial *per capita* era de cinco a dez vezes menor do que a dos países industriais (ou mesmo menor do que a dos Estados Unidos) e predominava o trabalho manual. Enquanto que nos países industrializados havia se afirmado o trabalho tecnológico industrial, a URSS continuava na etapa pré-industrial.²⁵

Nessas condições técnico-econômicas atrasadas implementara-se a NEP. Como era lógico, se fez sob a exigência imperiosa de mudanças industriais rápidas para desenvolver as forças produtivas num período de transição do capitalismo para o socialismo. A principal tarefa era conseguir a passagem do tipo de produção pré-mecanizada ao tipo tecnológico industrial em todos os ramos da economia. Isso implicava – como colocara Lênin – transformar as relações sociais e técnicas de produção da “ditadura do proletariado” e de uma economia mista na qual se entrelaçavam e interagiam as instituições socioeconômicas de diferentes estruturas: a patriarcal, a pequena produção, o capitalismo de Estado e as formas socialistas de organizar novas empresas. *A NEP pretendeu que os vínculos entre essas instituições se constituíssem com base na planificação socialista, mas com ferramentas monetário-mercantis.*

A NEP desenvolve-se na atmosfera do “cerco capitalista” e a ameaça de guerra de uma possível coalizão anglo-estadunidense-francesa.

1921 – de *reformismo*. Estava latente, obviamente, a alternativa de escolher uma via mais “direta”, socializando os principais meios de produção, desenvolvendo o cooperativismo agrário, bloqueando o desenvolvimento de relações mercantis e aplicando rigorosamente a planificação centralizada em todo o território da URSS (estratégia de desenvolvimen-

A ausência de Lênin se fez sentir a partir de 1924. Os dirigentes da sociedade soviética não chegavam a imaginar a diversidade de vias que era necessário percorrer para edificar a sociedade socialista. O PCb formara quadros capacitados para fazer uma revolução, mas pouco capacitados para percorrer um longo caminho – como diria Lênin em várias ocasiões a partir de

to que finalmente emergirá triunfante com o stalinismo). Mas o caminho escolhido era o de construir uma espécie inédita de economia socialista de mercado. Apoiavam a NEP no princípio, os operários industriais urbanos, os camponeses médios e pobres, os mencionados *nepman* (ou nova burguesia nepista), o aparelho estatal-partidário, a juventude do Komsomol e uma substancial parte da intelectualidade e do pessoal científico e técnico.

A NEP desenvolve-se na atmosfera do “cerco capitalista” e a ameaça de guerra de uma possível coalizão anglo-estadunidense-francesa. Somente parecia seguro o flanco alemão, apesar da instabilidade da República de Weimar. A colaboração técnica entre o Exército Vermelho e as Forças Armadas alemãs era incipiente, mas importante. Como escreveu o poeta Maiakovski: “Abri as páginas com um leve sussurro e o odor de pólvora se espalhou por toda parte.” O perigo de guerra obrigava o Estado soviético a não perder a serenidade e a procurar montar rapidamente uma indústria capaz de modernizar as Forças Armadas sem provocar reações agressivas dos países capitalistas.

No informe apresentado por Rikov em 1927 no XV Congresso do PCb, intitulado “Sobre as diretrizes para elaborar o Plano Quinquenal da economia nacional”, a idéia central era conseguir no curso da industrialização socialista a combinação mais favorável de três objetivos:²⁶ a) conseguir a acumulação na indústria estatal com base na reprodução ampliada da economia nacional em geral, a partir do equilíbrio entre o setor de bens de capital e o setor de bens de consumo; b) elevar sistematicamente a incidência do setor socialista da economia “mediante o incremento do papel do comércio e da economia socialista na economia nacional e na cooperativização socialista da vida camponesa”. Como salientou Bukhárin em 1929 – numa de suas últimas intervenções no Comitê Central do PCb –, “a marcha para o socialismo por meio do cooperativismo, guiando-se por seu próprio benefício [...] sem nenhum tipo de violência”;²⁷ c) elevar, simultaneamente com o crescimento econômico, o nível de vida e de cultura do povo “para alcançar um consumo ampliado das massas camponesas”.²⁸

O principal problema prático da industrialização sob as condições da NEP era a acumulação que, dada a inexistência do financiamento externo,

se colocava como relação entre a produção e o consumo. Portanto, tratava-se de encontrar um equilíbrio ou “proporções transacionais” para distribuir a renda nacional entre o fundo de consumo e o fundo de acumulação, por meio da combinação ótima entre ambos os aspectos, entre a indústria leve e indústria pesada. A chave era conseguir que uma rotação mais rápida na indústria leve (produção de artigos de primeira necessidade) que permitisse aproveitar seus capitais para a construção da indústria pesada.²⁹

A NEP renunciava assim ao ponto de vista “superindustrialista”. Buscava-se incorporar os camponeses à construção socialista com um desenvolvimento acelerado do cooperativismo de produção (comunas kolkoses, sociedades de produção e fábricas cooperativas), com apoio do Estado. Era a via para isolar os *kulaks* sem recorrer a métodos extra-econômicos violentos (que seriam utilizados principalmente por Stálin não só contra os *kulaks*, mas contra segmentos de camponeses médios e de intelectuais resistentes ou “*kulaks* ideológicos” durante a coletivização). Para conseguir esses objetivos era previsto um “longo tempo”.

Essa linha começará a fazer água, como dissemos, quando em 1928 um bloco espontaneamente formado por camponeses ricos e médios resiste a entregar os excedentes de trigo a preços fixados pelo Estado, rompendo assim – segundo Stálin – a aliança voluntária entre a classe operária e o campesinato.³⁰ Para Stálin tratava-se de conseguir o objetivo de refazer a qualquer preço – *leia-se por meio da pressão do Estado – a aliança de classe que era a base social da ditadura do proletariado*. Com a supressão da NEP em 1929, se desarticulava socialmente o modelo de planificação econômica articulado por relações monetário-mercantis. Iniciou-se então o plano de desenvolvimento industrial acelerado e de coletivização aprovado no XVI Congresso do PCb (maio de 1930). Com o stalinismo se passaria para um sistema administrativo de “ordeno e mando” para forçar a industrialização, e a sociedade soviética seria moldada por métodos “extra-econômicos” dentro de um regime político-estatal autoritário, que durante a década de 1930 se consolidaria por meio de sucessivas purgas e repressões massivas primeiro a camponeses, a representantes da *intelligentsia* burocrático-industrial depois e, finalmente, a correntes comunistas opositoras (trótskistas, zinovievistas, bukharinistas, etc.) e ao

alto comando do Exército vermelho, num total de aproximadamente 10 milhões de pessoas. *A repressão acompanhará a industrialização e a coletivização acelerada durante toda a década de 1930.*³¹

Em 1991, com o desaparecimento da URSS, fechou-se um longo processo iniciado no final dos anos 1920 com um modelo de capitalismo de Estado denominado “socialista”, mas que na realidade era uma construção especial de um regime econômico-político qualificado como “estadocracia”. Nesse regime stalinista, o pessoal dirigente do Estado – a *nomenklatura* – não era uma classe social, ainda que assumisse o papel de classe dominante. Como reação natural, os trabalhadores soviéticos tampouco formaram uma classe no sentido clássico, mas uma espécie de “comunidade social” diferente. Entre os anos 1960 e 1980, os trabalhadores russos cunharam uma frase ilustrativa sobre essa estranha relação: “Eles fingem que nos pagam, e nós fingimos que trabalhamos.”

Acostumada a delegar as decisões políticas e técnicas à *nomenklatura* e ao sistema político de partido único, e, portanto, desmotivada e apolítica, a sociedade soviética permaneceu atônita e passiva durante a estagnação (década de 1970) e a posterior decomposição do “socialismo real” nos anos de 1980. Isso explica porque a *perestroika* e depois o modelo neoliberal de Boris Yeltsin foram “revoluções a partir de cima”, num contato de desilusão e confusão ideológica dos povos soviéticos, reduzidos a uma massa de consumidores frustrados pela incapacidade do regime de atingir as metas para se construir uma sociedade comunista desenvolvida e recolhidos em si mesmos, para se protegerem, nos nacionalismos regionais.³²

Entre os anos 1960 e 1980, os trabalhadores russos cunharam uma frase ilustrativa sobre essa estranha relação: “Eles fingem que nos pagam, e nós fingimos que trabalhamos.”

A OPOSIÇÃO DE ESQUERDA NO PCb E A NEP

Como colocamos, a NEP foi a opção adotada pelo PCb depois da discussão de 1920-1921 sobre os caminhos para industrializar a Rússia. Foi o re-

sultado da decisão de acabar com o “comunismo de guerra” (1918-1919) e resolver a questão da reconstrução econômica. O país necessitava sair desse “comunismo de guerra”, um modelo estático de sobrevivência baseado na gestão hipercentralizada, na entrega compulsiva ao Estado do excedente criado pelos camponeses, na inexistência da massa necessária de circulação monetário-mercantil, etc. A economia do comunismo de guerra foi uma economia estatal de “consumo de guerra”, sem acumulação, e de reprodução simples do capital para garantir

o consumo elementar e a produção de meios de defesa. Na própria definição de comunismo de guerra, que Lênin chegou a qualificar em 1921 como “completamente fora de lugar”, se mesclaram os sonhos igualitários e utópicos dos dirigentes bolcheviques com a segurança da eminência da revolução na Alemanha.

A aplicação da NEP só seria possível, como dissemos, fazendo coincidir o setor industrial nacionalizado com as economias privadas, especialmente camponesas. Como veremos, a NEP se concentra no princípio na abolição das contri-

buições forçadas do excedente agrícola, na introdução do imposto em espécie e na fixação de uma política orientada em favor da agricultura e do comércio interno. Mas essas políticas implicavam trasladar a contradição entre a agricultura privada e a indústria nacionalizada dos controles administrativos para a “organização” pelo Estado (socialmente consensual) *das forças sociais corporativas que florescem dentro dos comportamentos espontâneos do mercado*. É certo que em 1923 a produção industrial e agrícola já alcançara 35% do nível pré-bélico. Mas como garantir que as condições do mercado não se tornariam incompatíveis com a formação de um fundo financeiro público suficiente para garantir a industrialização rápida planejada da nascente União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1924)? Para resolver o problema criou-se em 1921 a Comissão de Planificação do Estado (Gosplan).

Como era previsível, dado que a implementação da NEP se desenvolveria de forma experimental, sem um fundamento teórico acabado e dentro da idéia dominante no PCB de que era um retrocesso tático, imediatamente depois da morte de Lênin em 1924 começou um duro debate no interior do partido: esse debate girou ao redor da tese da acumulação socialista originária. Essa tese seria defendida por Eugeni Preobrazhenski, grande intelectual da chamada “oposição de esquerda”, vinculado a Leon Trótski, que afirmou em 1924 e 1925 que era necessário marchar para a industrialização “massiva” e a cooperativização acelerada. Ausentes os investimentos estrangeiros, sem um grande peso do comércio externo, só restava *que os camponeses pagassem pela industrialização*. Mas essa tese rompia com o “gradualismo” de Lênin e Bukhárin, os principais elaboradores teóricos e executores da NEP.

Preobrazhenski escrevera em 1921 um importante documento para o debate sobre as opções econômicas intitulado “A nova economia”, onde adiantava sua posição “superindustrialista”.³³ Bukhárin o enfrentará, afirmando que a tese sustentada em “A nova economia” significava dar um salto no escuro, isto é, provocaria inevitavelmente a ruptura com a base do poder soviético porque implicaria a adoção de medidas coercitivas violentas contra os camponeses. Para Lênin/Bukhárin, a agricultura devia ir se integrando paulatinamente ao socialismo mediante um processo voluntário de cooperação, superação dos resquícios burgueses e pequeno-burgueses e demonstração da superioridade econômica do socialismo. A maioria do Comitê Central do PCB temia ser derrocada por uma *vendée* camponesa. Mas, a oposição de esquerda, adotando a tese de Preobrazhenski, rejeitou a orientação gradualista teoricamente exposta por Lênin e Bukhárin por meio de três artigos publicados no *Pravda* em dezembro de 1922, intitulados “Uma contribuição à questão da regulação econômica no período de transição”.

Durante quase toda a década de 1920, o debate sobre o formato da NEP, quase sempre latente, não foi resolvido teoricamente. Na realidade, foi um debate sobre diferentes enfoques e alternativas para realizar a “acumulação socialista originária”. De fato, o que Preobrazhenski chamava de “acumulação socialista originária”? Não se referia à política econômica, que era atributo das decisões do partido e do Esta-

Ausentes os investimentos estrangeiros, sem um grande peso do comércio externo, só restava *que os camponeses pagassem pela industrialização*. Mas essa tese rompia com o “gradualismo” de Lênin e Bukhárin.

do numa economia socializada. Referia-se à esfera da “ciência econômica” do socialismo, como conjunto de componentes de uma economia estatal-socialista. Os aspectos centrais dessa ciência econômica giravam sobre determinadas “proporções” na distribuição das forças produtivas em luta contra a lei do valor, e cujo sentido era alcançar o nível ótimo da “produção socialista ampliada” às expensas da economia privada e da produção capitalista mercantil. O volume de acumulação era estabelecido pelo Estado soviético e se convertia em “fundos de investimento” para regular os ritmos da industrialização e da cooperativização agrícola.

Em resumo, a tese de Preobrazhenski pretendia fundar uma nova “ciência econômica” do socialismo. O objeto dessa ciência era fundar um paradigma científico das proporções necessárias para assegurar a acumulação ampliada da economia socialista. As ferramentas de política econômica durante a etapa de transição eram estabelecer a alienação do superproduto da economia privada, o nível dos salários da economia estatal, a política de preços, a regulação do comércio exterior e interior, o sistema aduaneiro, a política de crédito, a elaboração do balanço e dos planos de importações, etc. As relações entre essas variáveis estabeleciam a lei da “acumulação socialista primitiva”. O stalinismo utilizará as idéias desse economista russo em 1929 para disciplinar o campesinato, mas sem aceitar o conceito de “acumulação socialista originária”.

Como se sabe, a oposição de esquerda foi derrotada em 19126. Preobrazhenski foi excluído do partido em 1927 e deportado para o interior da URSS. Em 1929, com a derrota do chamado “desvio de direita” bukharinista pelo stalinismo, Preobrazhenski romperá com Trótski e se aproximará de Stálin que, como dissemos, adotou o seu programa de industrialização e cooperativização. É readmitido no partido, mas proibido de publicar artigos. Durante o primeiro grande processo da purga stalinista, Preobrazhenski testemunhará contra Zinoviev. Mas no que pese a sua colaboração política com Stálin, nesse mesmo ano será expulso do partido e preso. Havia se “autocriticado” no início



David Ricardo

da década de 1930 repudiando sua tese da acumulação socialista originária, mas a autocrítica não foi suficiente. Ninguém conhece sua sorte. Foi preso pela voragem das purgas stalinistas dessa década, fuzilado, ou então morreu na prisão. Paradoxalmente, sofreu o mesmo fim trágico que o seu adversário Bukhárin.

UMA REFLEXÃO

MARGINAL: A NEP E KEYNES

Lênin se viu envolvido na complexa tarefa da construção estatal de um mercado socialista para a Rússia. Por certo, retomava assim um tema que o havia absorvido nos anos de sua juventude, quando teve de se ocupar em estudar o desenvolvimento do capitalismo na Rússia para demarcar posições junto às correntes do “marxismo legal” e do populismo russo. Sua obra fundamental nesse sentido foi *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, um estudo econômico de base empírica, escrito durante a “tranqüilidade” dos anos de prisão e desterro. Essa grande investigação foi precedida por um ensaio intitulado *Acerca da chamada questão dos mercados*, escrito em São Petersburgo em 1893 para uma reunião de socialdemocratas que faziam parte do chamado “Círculo dos velhos”, e em polêmica com um estudo de G. Krasin.³⁴ Esse documento converteu-se no plano do mencionado livro sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia.

Nesse ensaio de 1893 se defende a tese central de que o capitalismo não poderá se desenvolver de forma clássica na Rússia. Mas coloca que o “*inventor*” de capitalismo que estava se desenvolvendo efetivamente na Rússia a partir do final do século poderia se transformar no modo de produção dominante como “base de nossa economia social”. Para Lênin o capitalismo na Rússia desenvolve-se como superposição ou “entalhe” entre: a) o desenvolvimento das relações mercantis no campo, que geram uma camada de camponeses abastados (*kulaks*), ao mesmo tempo que se empobrecem progressivamente os camponeses pobres (*mujiques*), que são obrigados a vender parte de sua força de trabalho como assalariados, e inclusive suas parcelas de terra, para sobreviver. Por sua vez, os artesões localizados nas aldeias “não podem pensar sequer na ampliação de seus negócios, porque carecem de poupança”; b) a instalação

da indústria nos grandes centros urbanos por meio de empresas capitalistas locais, produtoras de bens de consumo, e a grande indústria produtora de bens de capital, de origem estrangeira ou de grandes capitalistas russos.

Para Lênin o desenvolvimento capitalista na Rússia era inevitável. Diz:

Onde terminará esse processo? Isso, da mesma forma como se iniciou, não há quem possa dizer, e além do mais não é o mais importante. O importante é que temos diante de nós um processo orgânico e vivo, o processo de desenvolvimento da economia mercantil e do crescimento do capitalismo. A perda de condição dos camponeses nas aldeias mostra-nos o começo desse processo, seu início, suas fases prematuras; o grande capitalismo nas cidades nos indica o fim desse processo, suas tendências.³⁵

Nesse momento (1893), a principal preocupação política de Lênin é criticar o “marxismo legal”, que deseja “mostrar” teórica e politicamente o desenvolvimento do capitalismo como progresso e base de sustentação da democracia liberal. Mas critica também o populismo, que ingenuamente propunha que a aldeia russa se levantasse “como um só homem” para deter a destruição capitalista das economias e da aldeia comunal (*mir*). A razão telúrica

do populismo russo era a comunidade camponesa. Ambas as linhas de pensamento – marxismo legal e populismo – se expressarão depois nessa ordem na política russa, por meio da socialdemocracia moderada (mencheviques) e do Partido Social-Revolucionário (eserista).

Lênin está convencido de que a revolução democrático-burguesa que se avizinha não poderá superar os limites de um capitalismo “incompleto” para a Rússia,

subordinado às economias dos países industrializados. Para Lênin, o processo capitalista russo é um impulso histórico que encontrará seus limites: não poderá culminar numa revolução burguesa clássica. Só por meio da “ditadura operário-camponesa” se coroará a revolução democrática e se passará

para uma nova etapa de “construção socialista”. Anos depois desenvolverá essa tese em sua obra *Dois táticas da socialdemocracia na revolução democrática*.

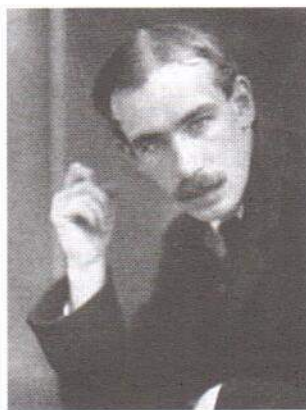
A ausência de uma discussão pré-revolucionária entre os bolcheviques sobre o mercado respondia a uma leitura mecanicista de *O capital*. Acreditava-se que o advento do socialismo seria o resultado final da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção em um ou vários países capitalistas desenvolvidos. *Durante a transição começaria a debilitar-se e a desaparecer progressivamente o papel da lei do valor*. Passaria para primeiro plano a planificação das “necessidades e capacidades”. O Estado se tornaria supérfluo. Formar-se-ia uma sociedade auto-administrada com bases comunistas. O comunismo encostaria e acabaria por fazer desaparecer como supérfluo o mercado.

O vazio teórico que Marx deixou para dotar de conteúdo econômico a transição entre capitalismo e socialismo foi relegado e substituído durante quase vinte anos na Segunda Internacional por outro debate: aquele que opunha a corrente reformista “bersteiniana” (que defendia uma longa etapa de dominação e expansão racional-mundial do capitalismo) e a corrente revolucionária ou luxemburguista (que defendia uma crise catastrófica do sistema capitalista em escala mundial pela insuficiência estrutural da demanda). Lênin, pragmaticamente, não tomou parte nesse debate (ou o fez marginalmente). A partir de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, sua preocupação central será influenciar os partidos da Segunda Internacional a se prepararem politicamente para a possibilidade de que uma crise política (situação global revolucionária) no interior dos países capitalistas em luta desaguasse numa situação revolucionária direta (insurreição, guerra civil). Confiava que a guerra mundial – com suas conseqüências de morticínio e pobreza generalizados – criaria as condições objetivas e subjetivas que provocariam revoluções socialistas em vários países simultaneamente, com o epicentro na Alemanha.

Lênin era sensível ao tema dos mercados, simplesmente porque tinha a certeza de que se a revolução russa acabava com a hegemonia política do capital, *então o mercado capitalista seguiria seu tortuoso roteiro na Rússia, iniciado como vimos no final do século XIX*. Por essas ironias da história, depois

Acreditava-se que o advento do socialismo seria o resultado final da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção em um ou vários países capitalistas desenvolvidos.

de instaurado o socialismo, as circunstâncias políticas existentes na Rússia em 1921 obrigam Lênin a se ocupar agora da relação em grande escala entre o mercado e o socialismo. O mercado – como vimos – não era um tema novo para ele. O problema era que agora se colocava como componente fundamental da nova economia socialista. A flexibilidade em sua forma de pensar permitiu a Lênin captar, entre 1920 e 1921, que era necessário se dar uma grande viragem: assim, dentro de um processo de experimentação, de ensaio e de erro, de correções rápidas, como dissemos, *a teoria da NEP faz sua entrada na história do socialismo*.



Keynes

Quem realizaria a primeira reflexão na Europa ocidental sobre o tema do mercado, em condições de avanço político do movimento operário, seria, paradoxalmente, um economista “burguês”, ainda que matizado pelo seu passado de fabiano: John Maynard Keynes. Como disse Antonio Negri, “Keynes racionaliza a consciência do Outubro Vermelho sobre a estrutura do capital”.³⁶ Obviamente, Keynes não era marxista nem tinha muita informação sobre a origem e o desenvolvimento da NEP. Keynes começou a raciocinar sobre o funcionamento deficiente do capitalismo nos anos 1920. Chega à conclusão de que a teoria econômica neoclássica era incapaz de propor novas ferramentas para favorecer a acumulação do capital nas condições da crise mundial. Já havia adiantado idéias sobre o tema ao se opor às cláusulas econômicas e financeiras impostas à Alemanha a partir de 1919 pelo Tratado de Versalhes. A lei de Say do equilíbrio natural do mercado, segundo Keynes, não pode funcionar num contexto de crise global (econômica, social e política). Keynes coloca que essa solução neoclássica, num contexto de crise global, levava a uma maior desordem do sistema capitalista e ao triunfo do “partido da catástrofe”.³⁷ Viaja à Rússia em 1925, interessado em estudar o comportamento dos preços e salários durante a NEP, mas não se sabe que tenha se envolvido em debates sobre o modelo.

Esse partido que Keynes chamava “da catástrofe” não era outro senão o movimento operário organizado em partidos e sindicatos, que nas décadas de 1920 e 1930 do século passado não aceitaria

que se mantivesse a demanda reprimida e a exploração trabalhista. Existia para Keynes o perigo da extensão do “maximalismo bolchevique”. Para eliminá-lo necessitava-se de um compromisso entre os capitalistas e os sindicatos. Keynes inicia assim, na mesma época da NEP, um caminho teórico que concluirá no início dos anos 1930 com sua obra *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*. Keynes acredita que é possível reorientar e ganhar as alas moderada dos partidos socialista e dos sindicatos

para a aplicação de políticas reformistas. Reconhece o atributo do sindicato para agir como “movimento autônomo” dentro do modo de produção capitalista. Pretende moderar os conflitos entre as classes sociais, elaborando um modelo de intervenção estatal para estabelecer um novo equilíbrio baseado na função dinâmica da demanda efetiva (em que um dos componentes eram os salários recebidos em condições de pleno emprego. A taxa de juros devia ser regulada para garantir a liquidez e a quantidade de dinheiro presente no mercado. O dinheiro era uma ferramenta para melhorar os salários. O principal inimigo de Keynes acabará sendo o “capital rentista improdutivo”).

Keynes, o teórico do equilíbrio capitalista depois da crise de 1929, é ao mesmo tempo o pai, depois da segunda Guerra Mundial, do Estado social moderno. É o Estado de bem-estar (*Welfare State*). Keynes era um “conservador revolucionário”. Sua teoria integrava a teoria monetária e a teoria da produção, de modo que o capitalismo sob a intervenção do Estado se tornava mais produtivo quanto mais era capaz de resolver as demandas sociais e trabalhistas. A subordinação da taxa de juros à eficiência marginal do capital e a realização do pleno emprego tornariam possível, em Keynes, utilizar a doutrina clássica do valor trabalho de Ricardo. As negociações salariais coletivas

Keynes não faz desaparecer a exploração nem o antagonismo sociopolítico entre as classes. *Simplesmente, o Estado salva o mercado, regulando seus comportamentos anárquicos.*

entre empresários e sindicatos garantiriam simultaneamente o crescimento econômico sustentado e a paz social.

Assim, o capital sofre na teoria keynesiana uma espécie de “metamorfose marxista”. Mas na realidade, ao unificar o juro e o lucro em função de potencializar o investimento produtivo e a demanda efetiva, Keynes não faz desaparecer a exploração nem o antagonismo sociopolítico entre as classes. *Simplesmente, o Estado salva o mercado, regulando seus comportamentos anárquicos.* Na *Teoria geral* o modelo keynesiano se desenvolve como modelo econométrico fundado cientificamente. É aceito como teoria correta por diversas personalidades e partidos que expressam os interesses dos capitalistas industriais: incluem-se aqui as perspectivas de políticos liberais progressistas e de altos dignatários eclesiásticos nos países desenvolvidos e de desenvolvimento médio entre as décadas de 1930 e 1970. Mas se converterá também em fundamento político dos programas de partidos socialistas e socialdemocratas e dos sindicatos nos países desenvolvidos e de desenvolvimento médio.

Lênin usaria categorias econômicas similares ou homologáveis pelo keynesianismo para fundamentar a NEP. A teoria do valor trabalho em Lênin é reformulada enquanto ferramenta utilizável na planificação de uma economia socialista de propriedade mista. Mas dado que a teoria de Keynes no fundo buscava harmonizar a lógica do mercado com a fixação planificada do excedente econômico (por meio do estímulo ao investimento produtivo, de regimes progressivos de remuneração do trabalho assalariado, etc.), suas ferramentas de política econômica eram objetivamente funcionais para desenvolver a NEP.

Para Lênin a NEP era tão importante que durante sua breve participação em 1922 no debate sobre a criação da URSS chega a colocar que para o socialismo a categoria “modo de produção” é superior à categoria economia territorial”, dando a entender que o principal era conseguir que o novo

modelo de produção vença na URSS, ainda que isso implique deixar à deriva a nacionalidades que por seus estágios econômicos e sociais não poderiam superar os seus sistemas de relações econômicas e sociais tradicionais.

Se Lênin vivesse alguns anos mais, talvez tivesse feito com Keynes o que Marx fez com Hegel: utilizar seu método para acabar fundando uma *inédita economia socialista de mercado*. A “astúcia da história”, parafraseando Hegel, reclamava um “Keynes marxista” para racionalizar a experiência da NEP. Não deveria ser considerado um fato casual que, após a morte de Lênin, se tenha encontrado em seu escritório um exemplar da obra de Keynes: *As conseqüências econômicas da paz*. A obra analisava os conteúdos do Tratado de Versalhes e foi publicada por Keynes para alertar a respeito da irracionalidade de impor à Alemanha reparações de guerra, participação territorial, etc. por parte dos países vencedores da Primeira Guerra Mundial, o que poderia levar as massas operárias alemãs a optar pelo “partido da catástrofe”.

LUZES E SOMBRAS DA NEP

A NEP durou somente oito anos. Nesse breve período histórico suas principais conquistas relacionaram-se em fazer estabilizar a situação política do Estado multinacional soviético a partir da reformulação da aliança operário-camponesa baseada num modelo econômico socialista de planificação central “organizador” dos mercados, no qual se imbricavam as empresas públicas dos setores I e II da economia (indústria leve e pesada), dentro de mercados privados camponeses. Esses mercados eram estimulados pela ação combinada das novas relações monetário-mercantis e das políticas estatais fiscais e comerciais estabelecidas para favorecer a troca de bens entre *o campo e a cidade*. Durante a NEP iniciaram-se as políticas públicas socialistas massivas para melhorar os serviços em saúde e educação. Foi um período de construção institucional (nasceu a URSS e se organizou um exército profissional moderno). A “ditadura do proletariado” foi exercida num clima de grande criatividade cultural e com níveis baixos de repressão política.

A NEP, como analisamos, não foi o produto de uma elaboração orgânica e acabada da nova sociedade socialista que os bolcheviques desejavam cons-

A NEP durou somente oito anos. Nesse breve período histórico suas principais conquistas relacionaram-se em fazer estabilizar a situação política do Estado multinacional soviético.

truir. Foi o resultado de um processo motivado inicialmente pelo retrocesso programático para “acumular forças”, para retomar o caminho e edificar uma sociedade comunista, ainda pensada por Lênin sob a influência de formulações esquemáticas que, como escrevemos, pode-se comprovar lendo sua obra *O estado e a revolução*. Mas finalmente resultou ser uma grande tentativa para realizar *uma revolução política e cultural para redirecionar por um longo período a revolução*. *O esquema global nepista era estrategicamente correto*.

Quando Lênin escreve em *O Estado e a revolução*, somente meses antes de tomar o poder, que o Estado se “extinguirá” e “desaparecerá” para dar lugar a uma sociedade auto-administrada de produtores, *não está obnubilado por nenhuma utopia*. Está pensando que essa “extinção” é a realização plena do socialismo, e que espera consegui-la na Rússia enquanto se dêem revoluções em um ou em vários países capitalistas avançados. Carece de rigor teórico incluir Lênin dentro do blanquismo. Blanqui, que era um “revolucionário prático”, acreditava que o Estado era somente uma máquina coercitiva, e que bastava “tomá-lo de assalto” para libertar os trabalhadores da dominação capitalista. Lênin, ao contrário, fez parte de um grande esforço coletivo dos partidos da Segunda Internacional Operária Socialista para conquistar a democracia política como via de acesso par uma “democracia social”. Isso explica por que o Partido Operário Social-Democrata Russo foi membro permanente da Internacional até sua divisão durante a Primeira Guerra Mundial. A divisão se deu pela impossibilidade dos principais partidos de cumprirem com o “Chamamento de Basileia” (1912) de se opor à guerra interimperialista ainda amadurecendo com levantes proletários em todos os países, a “greve geral contra a guerra”. O erro de cálculo de Lênin sobre a iminência de uma situação revolucionária “direta” na Europa em 1918 levou a uma ruptura “exagerada” dos bolcheviques com a então reconstituída Internacional Socialista e especialmente com o Partido Social-Democrata Alemão. *Esse foi um erro fatal, porque favoreceu o isolamento da Rússia ao contrapô-la desnecessariamente à República de Weimar*.

Lênin tinha alguns pontos muito claros e estudados: sabia que construíra um partido e uma estratégia para dirigir a classe operária de um impé-

rio atrasado e decadente, no qual era inevitável uma revolução democrática burguesa contra a autocracia czarista, mas também sabia que seria necessário “coroar” (ou seja, levar até as últimas consequências) essa revolução por meio de um poder distinto do que pretendia a burguesia liberal. O país sobre o qual Lênin operava era um país que carecia da trama de interesses em pugnas e negociações próprias das classes sociais constitutivas de uma sociedade industrial desenvolvida. Além do mais, era um império que submetia e oprimia uma grande variedade de nacionalidades. Lênin sabia que em seu país a guerra perdida seria a anti-sala da revolução democrática. E, por último, sabia que dessa vez, diferentemente da revolução de 1905, a guerra que provocaria essa revolução na Rússia era uma guerra interimperialista mundial que abarcava todos os países capitalistas desenvolvidos, e que arrastava para um ou outro bando dezenas de países do mundo colonial ou semicolonial. A Primeira Guerra Mundial, por seus resultados, só acabaria por produzir momentaneamente – além do colapso do império czarista – uma situação revolucionária “direta” em dois países importantes: Alemanha e Itália. Dito de outra maneira: as únicas situações revolucionárias diretas que desembocariam em regimes estáveis, além da Rússia, foram – paradoxalmente – os fascismos, que constituíram soluções capitalistas.

A ausência de práticas teórico-políticas associadas com os países em que viveu como exilado estabelecia limites à formação intelectual de Lênin. Tinha razão em opor a legítima palavra de ordem da “guerra civil revolucionária” à guerra imperialista, mas subestimava a capacidade dos Estados desses países para preservarem a hegemonia do capital, dado que suas instituições políticas, econômicas e culturais também se estendiam e faziam parte das instituições da sociedade civil. As relações entre sociedade política e sociedade civil nos países de-

Lênin sabia que em seu país a guerra perdida seria a anti-sala da revolução democrática. E, por último, sabia que dessa vez, diferentemente da revolução de 1905, a guerra que provocaria essa revolução na Rússia era uma guerra interimperialista mundial.

envolvidos tinham que ser reformuladas, mas sabendo-se que os laços de coesão nessas comunidades nacionais eram mais fortes do que as tendências à dissolução, inclusive na Alemanha. Por isso sua tese de que a Europa ocidental entrara em 1918 numa situação global revolucionária *era parcialmente verdadeira* e, portanto, também *potencialmente falsa*, como se demonstrou entre 1918 e 1923. É certo que se deram grandes e pequenas revoluções em alguns países: em alguns acabaram com grandes impérios (o alemão e o austro-húngaro); em outros, a agitação operária gerou greves revolucionárias (França, Itália e Argentina). Houve experiências soviéticas curtas na Hungria e em algumas cidades alemãs. *Mas a civilização cristã ocidental asentada em sistemas sociopolíticos capitalistas resistiu à tentação de seguir o caminho iniciado na Rússia em outubro de 1917.* Como escreveria Gramsci nos anos 1920, na Rússia o Estado era tudo, e a sociedade era “gelatinosa”, enquanto que no Ocidente a sociedade civil era vigorosa e organizada por Estados com instituições de hegemonia instaladas nessa mesma sociedade civil, nas escolas, nas fábricas, nas igrejas, e, principalmente, nas culturas populares. *A classe operária industrial européia não tinha em seu horizonte construir um regime soviético sobre as ruínas do capitalismo, mas “ampliar a democracia” e alcançar democracias políticas, econômicas e sociais.* Diferentemente da Rússia, onde a situação revolucionária levou a uma guerra de movimentos entre fevereiro e outubro de 1917, na Europa os processos revolucionários desembocam, como escreveria Gramsci, em longas “guerras de posições”. Gramsci, que captou a originalidade da Revolução Russa ao qualificá-la de “revolução contra o *O capital*”, resgatava com a sua tese da “guerra de posições” que o socialismo só pode triunfar plenamente ali onde a sociedade burguesa se esgotou historicamente.

Mas se Lênin e os bolcheviques tivessem se rendido às teorias socialistas reformistas que afirmavam que a Revolução russa deveria se deter em sua fase democrático-burguesa liberal, o mais possível é que o velho império czarista experimentasse um tríplice processo de desarticulação territorial em seu “núcleo fundador” separação e constituição de vários Estados na Rússia Branca, na Ucrânia e no Cáucaso), modernização capitalista restrita e sobrevivência da pobreza de massas e o atraso cultural camponês. A Rússia, no melhor dos cenários, seria no pós-guerra uma democracia política com enor-

mes *gulags* de exclusão social e política. Seria um gigantesco vassalo e, ao mesmo tempo, terreno de disputas territoriais dos países capitalistas desenvolvidos, tal como previa o próprio Lênin.³⁸

A NEP foi um esforço tardio de Lênin para esquematizar “durante a marcha” um programa econômico viável. Respondia a uma visão estratégica de “guerra de posições”. Essa estratégia era difícil de ser compreendida dentro de seu próprio partido, ao qual colocara a partir de 1917 – do mesmo modo que a Internacional Comunista – dentro de uma estratégia de “guerra de movimentos” para a Europa. Era necessária também uma “guerra de posições” na Europa. O marxismo-leninismo no Ocidente só conseguirá se desenvolver a ritmos descontínuos (Alemanha, Espanha, França, entre os anos 1920 e 1930), e depois da Segunda Guerra Mundial na França, na Itália e na Iugoslávia). Isso será compreendido por Gramsci, que elaborará a idéia de “guerra de posições”.

A NEP fracassou na Rússia não porque as condições político-sociais a tornaram inviável, mas porque foi aplicada, como vimos, sem ter sido previamente elaborada teoricamente e assimilada plenamente pelo conjunto do PCB. A NEP deveria ter sido o “núcleo programático” dos bolcheviques para resolver corretamente a articulação e coroação entre a fase democrático-burguesa e a fase socialista da revolução na Rússia, fundando assim um modelo socialista de longa duração com final incerto. A única coisa certa era que, para se situar entre os países mais avançados, necessitava de um modelo capaz de influenciar e concorrer com a civilização do capital.

Mas a aplicação da NEP desde o princípio da revolução na Rússia poderia ter se dado se Lênin, Bukhárin, Trótski e outros grandes intelectuais bolcheviques tivessem chegado à dupla conclusão de que: a) a civilização capitalista era historicamente vital, podia superar crises globais (econômicas, políticas e sociais) como a de 1918-1923, e podia continuar produzindo “auto-revoluções” dentro do sistema (a última das quais estamos vivendo a partir do final do século XX, com o nascimento da “sociedade da informação” dentro da segunda onda de mundialização); e b) nessas condições históricas de vitalidade do capitalismo, o socialismo só podia construir na Rússia um modelo sociopolítico vitorioso enquanto “contrapoder” da civilização capi-

talista de validade internacional. As bases “materiais” deviam ser a economia socialista de mercado e a edificação de uma “sociedade de trabalho” fundada em variadas formas de trabalho produtivo assalariadas e não-assalariadas. O novo Estado proletário devia eludir o perigo – alertado por Lênin – de uma metamorfose “totalitária”. O Estado socialista – ainda que sua origem fosse, como em toda revolução, uma combinação entre democracia direta, violência e coerção – encontraria sua legitimidade em garantir prioritariamente o nascimento de uma sociedade civil vigorosa, construída por meio de equilíbrio entre o poder político público e os contrapoderes que garantissem os direitos das classes e camadas sociais envolvidas numa economia de propriedade mista. A NEP foi um esforço titânico para se imaginar essa “alternativa civilizatória” socialista capaz de subsumir os pilares civiliza-tórios do capitalismo e do liberalismo.

Não há dúvida de que, ao persistir o comunismo soviético na construção da NEP, isso teria talvez lhe possibilitado utilizar o novo modelo econômico-social como demonstração da legitimidade histórica da revolução bolchevique diante de setores de partidos socialistas e socialdemocratas europeus que concentravam suas diferenças com os comunistas na inviabilidade de construir o socialismo num país atrasado e não-industrializado, e não tanto nas características do regime político soviético. Os próprios partidos comunistas localizados na Europa ocidental teriam se beneficiado em representar um modelo econômico-social “socialista de mercado”, também interessante como contribuição para desenvolver uma teoria nova sobre a transição do capitalismo ao socialismo nos países capitalistas desenvolvidos (novidade que não só poderia interessar a setores socialistas e sindicalistas, mas também influenciar as linhas de forças progressistas presentes na cultura política e no mundo intelectual na Europa ocidental e nos Estados Unidos). Naturalmente, uma viragem de tal profundidade faria ranger os dentes à seção europeia da Internacional Comunista (IC), constituída em 1919 num clima de enfrentamentos sectários com o reformismo socialista, que se agravariam quando o stalinismo o qualificasse, brutalmente, de “social-fascismo”.

É interessante também especular sobre o impacto que poderia ter tido uma longa duração da NEP no sistema político soviético. É provável que

não alterasse a curto prazo o regime de partido monolítico do poder (como hoje no Partido Comunista da China, que está procurando se transformar no partido da “ideologia do Estado”, ao estilo do regime de Meiji no Japão entre 1870 e 1930). Mas a complexa trama de interesses sociais diversos que gerava o modelo de economia mista de mercado poderia ter estimulado no plano político a ampliação da democracia política e a formação de novos partidos (ou um *revival* dos partidos social-revolucionário e menchevique) identificados também com os valores e as metas da primeira versão em grande escala de economia socialista de mercado. A burocracia estatal da “ditadura do proletariado” dificilmente poderia escapar da necessidade de canalizar as tensões sociais derivadas da complexa engenharia de interesses que coexistiam na NEP.

O que é indubitável é que o conceito de “ditadura do proletariado na medida em que surgiu sem conexão com um programa nacional viável como a NEP, serviu para criar um partido homogêneo (“centralismo democrático”) com uma férrea vontade política que conseguiu instaurar um novo tipo de Estado capaz de garantir a centralidade político-institucional revolucionária (sovietes), mas que num prazo histórico curto iria se transformar na ferramenta política adequada para instalar uma ditadura totalitária.

A NEP incluía enfrentar enormes desafios, entre eles o fato de que na Rússia a ausência da revolução burguesa clássica tinha seu correlato numa sociedade civil atrasada, inculta e “gelatinosa”, nos termos de Gramsci. Devia resolver o dilema de manter objetivos e ritmos de industrialização compatíveis com as demandas de bens e serviços dos mercados locais, comprometer conscientemente o campesinato com as políticas econômico-financeiras destinadas a construir uma indústria pesada e uma tecnologia militar moderna num país que cedo ou tarde seria agredido militarmente (como ocor-

A burocracia estatal da “ditadura do proletariado” dificilmente poderia escapar da necessidade de canalizar as tensões sociais derivadas da complexa engenharia de interesses que coexistiam na NEP.

reu em 1941 com o fascismo alemão), e aceitar – como convicção revolucionária, e não só em palavras – que a herança recebida do velho império czarista podia acabar por desaparecer se as tendências separatistas das nacionalidades historicamente dominadas pela opressão “grã-russa” se acentuassem. Sem dúvida que Lênin, por mais inteligente que fosse, não podia por si só resolver os complexos problemas que o socialismo colocava na Rússia. Mas sua perspectiva política estava a “quilômetros de distância” em relação a seus pares no Comitê Central do PCb.

A NEP foi o primeiro “ensaio geral” para encontrar uma via inteligente para a longa batalha político-cultural contra a “civilização do capital”.

Para dar um exemplo dessa distância, recorde-se que apenas dois anos após Lênin ter chegado à conclusão de que a Rússia soviética devia coexistir por um longo período como capitalismo e formulado a primeira versão da “coexistência pacífica” (1923), inicia-se no partido em 1924 (logo após a morte de Lênin) um processo, que já comentamos,

de lutas abertas entre frações confusas e devastadoras. Serão lutas desapiedadas nas “alturas do poder”, que só Lênin talvez – com seu imenso prestígio – poderia ter canalizado pacificamente.

A NEP COMO ALTERNATIVA CIVILIZATÓRIA AO CAPITAL

A NEP foi o primeiro “ensaio geral” para encontrar uma via inteligente para a longa batalha político-cultural contra a “civilização do capital”. Mas além das dificuldades para elaborar um inédito modelo econômico-social, se lhe agregou o peso morto de uma categoria político-institucional funcional para tomar o poder, mas absolutamente disfuncional para seu exercício: a categoria de ditadura do proletariado. É sabido que Marx, num impulsivo *revival* do jacobinismo francês, subsumiu a riqueza política contida nas formas de participação operária e cidadã na Comuna de Paris na fatídica fórmula de “ditadura do proletariado”. Nem a Revolução Russa, nem a Revolução Chinesa, nem outra qualquer necessitavam de semelhante categoria reducionista para assegurar a hegemonia dos trabalhadores nos processos revolucionários. Bas-

tava ter claro que era necessário substituir um tipo de Estado caduco por outro com capacidade de “poder constituinte” para garantir democraticamente a implantação das novas relações sociais de propriedade, administração e gestão das empresas e organização do trabalho.

A fórmula correta do “Estado proletário” foi produzida em sua primeira versão por Gramsci, quando associou a estabilidade da dominação à construção de uma hegemonia que permitisse o funcionamento harmônico de instituições estatais especializadas no consenso e na coerção. Se se relaciona essa idéia de Gramsci com uma visão completa da NEP, pode-se induzir que existiu também a possibilidade de associar de forma estável o projeto socialista a setores mencheviques, social-revolucionários e da *intelligentsia* liberal, e eludir a longo prazo o fatal caminho da ilegalidade e repressão generalizada a esses partidos políticos durante os anos 1920.

Os comunistas chineses parecem ter entendido bem a inutilidade do conceito de “ditadura do proletariado”, porque, ao se lançarem a partir de 1978 na via de construir uma economia socialista de mercado e uma “ideologia de Estado”, salientaram que nesse processo seguramente aparecerão outros partidos em concorrência com o Partido Comunista Chinês. Até é possível que, ao integrar-se Taiwan (Formosa) à China sob a fórmula de “um país, dois sistemas”, se reinstale no continente um “novo” Kuomintang. Mas, sem dúvida, para pensar assim necessita-se do apoio de uma cultura milenar – no caso chinês, construída sobre a filosofia racionalista confuciana – e pensar o tempo histórico em séculos. Assim foi possível para Deng Xiaoping formular a aparentemente desconcertante frase: “Graças ao socialismo, a China é hoje um país independente e unido. A revolução democrática foi completa. Agora para realizar as quatro modernizações, devemos passar por uma fase capitalista. Quando esta terminar, retomaremos a tarefa de construir o socialismo.”

O desenvolvimento da NEP podia desembocar num sistema civilizatório novo, que reimplantasse a multidimensionalidade das construções ideológicas num marco político de liberdade intelectual. Isto é, poderia ter facilitado o “encontro” frutífero entre o marxismo e outras correntes filosóficas, científicas e culturais próprias da modernidade. Re-

corde-se que o marxismo se desenvolveu a partir do século XIX paralelamente ao empirismo lógico, à teoria da relatividade, à genética, à psicanálise, ao formalismo, ao surrealismo, à Bauhaus e à arte de massas. Todas essas correntes culturais e científicas tinham representação na intelectualidade russa dos anos 1920. Dentro do espaço revolucionário russo faziam parte de construções culturais e científicas da humanidade na época da segunda revolução industrial, da construção da sociedade industrial, da rápida urbanização e da constituição da “sociedade de massas”. Essas correntes culturais davam conta da multidimensionalidade dos processos de conhecimento. Trótski foi talvez o único que tentou, no poder, formular uma visão “integradora” das variadas dimensões culturais que floresceram durante a NEP em seu livro *O novo curso*.

Mas a palavra “marxismo” (e pior ainda “marxismo-leninismo”) já implicava uma barreira para o debate cultural durante a NEP. A incorreta formulação do “marxismo” como corpo doutrinário fechado e auto-suficiente já atingia seriamente as capacidades reais da teoria para desenvolver-se como componente legítimo de uma fase de salto qualitativo generalizado do conhecimento científico e da criação artística. Foi por esse fato catastrófico de longo prazo que na Rússia soviética, na metade dos anos 1920, o construtivismo, a lingüística, o formalismo e o dadaísmo na literatura e na arte, a psicanálise, o feminismo, etc. foram considerados “teorias burguesas” e “estrangeiras”, isoladas e finalmente perseguidas. A maioria dos “intelectuais orgânicos” e as escolas dessas correntes não-marxistas haviam se incorporado à construção do socialismo na Rússia. Tal visão dogmática da vida científica e cultural era contraditória com a NEP que, à sua maneira, necessitava do seu desenvolvimento político de uma “revolução epistemológica” na grande teoria de Marx.

A NEP fracassou. Também pode ocorrer que fracasse a inovadora experiência chinesa de construir uma sociedade moderna pela via da economia socialista de mercado segundo as peculiaridades desse gigantesco país asiático. Mas é possível que o caso chinês não seja um fracasso “vergonhoso”, mas “épico”, diferentemente do triste final do “socialismo real” fundado pelo stalinismo na Rússia, pensado para um milênio e morto prematuramente em

1991. Poderia se especular, cruelmente, que a negação do mercado acabou no geral fazendo da Rússia um Estado incapaz de resistir a uma grande estafa militar, a Guerra das Galáxias de Reagan. Foi um colapso grotesco. No caso chinês, talvez o desmoroamento se dê pela combinação entre mercado e internet, o que soa mais “honorável” se levamos em conta que estamos entrando em escala mundial na época da economia informacional.

É possível assegurar que haverá “novas” versões, também inéditas, da NEP. Como disse ironicamente Bukhárin para defender suas idéias diante do brutal procurador Vishinski, no julgamento montado em 1937 que o levou ao fuzilamento, sob a falsa acusação de “conspirar para provocar a restauração capitalista na Rússia”: “A história é a história do juízo final”. Bukhárin desejava simplesmente dizer que a história da NEP não havia terminado e que ele seria julgado só por sua obra.

NOTAS

- ¹ Ver Paul Kennedy, *Auge y caída de las grandes potencias* (Barcelona: Plaza & Janés, 1994).
- ² Isaac Deutscher, *Trotsky. El profeta desarmado* (México: Era, 1968), p. 16.
- ³ *Ibid.*, p. 23.
- ⁴ Cf. O. A. Gordon & E. V. Klopov, *¿Que pasó? URSS: del stalinismo a la perestroika* (Bueno Aires: Cartago, 1989).
- ⁵ Em 1979 na China se inicia a viragem para a economia socialista de mercado.
- ⁶ Cf. Charles Bettelheim, *Las luchas de clase en la URSS. Primer período (1917-1923)* (Madri: Siglo XXI, 1976); Stephen Cohen, *Bujárin y la revolución bolchevique* (Madri/Bueno Aires: Siglo XXI, 1976).
- ⁷ Alec Nove, *La economía del socialismo factible* (Madri: Siglo XXI, 1987).
- ⁸ Mikhail Gorbachev, *Memórias, tomo I* (Barcelona: Plaza & Janés), p. 591.
- ⁹ Sobre o papel de Bukhárin na elaboração e aplicação da NEP, ver Stephen Cohen, *Bujárin y la revolución bolchevique*, cit., p. 227.
- ¹⁰ Cf. Charles Bettelheim, *Las luchas de clase en la URSS. Primer período (1917-1923)*, cit., p. 436.
- ¹¹ V. I. Lênin, *Obras completas, tomo 32* (Bueno Aires: Cartago, 1966), p. 293 (de acordo com a edição francesa *Oeuvres complètes* (Paris: Ediciones Sociales, 1972).
- ¹² A obsessão por integrar a Revolução Russa na revolução internacional expressou-se claramente na formação do programa agrário dos bolcheviques que, até as vésperas da Revolução de Outubro, continuavam considerando que a tarefa consistia em nacionalizar a terra e organizar imediatamente cooperativas, objetivo que tiveram que mudar para adotar o programa social-revolucionário que pretendia nacionalizar a terra e entregá-la em parcelas aos camponeses para usufruto. Essa mudança na marcha dos bolcheviques em 1917 permitiu ganhar os

camponeses pobres e médios, neutralizar os ricos, e por último incorporar ao primeiro governo soviético a esquerda social-revolucionária.

- ¹³ V. I. Lênin, *Obras completas, tomo 32*, cit., p. 515. Grifos no original.
- ¹⁴ Cf. Charles Bettelheim, *Las luchas de clase en la URSS. Primer período (1917-1923)*, cit., p. 441.
- ¹⁵ V. I. Lênin, *Obras completas, tomo 33*, cit., p. 83.
- ¹⁶ Eric Hobsbawm, *História del siglo XX* (Barcelona: Crítica, 1996), p. 372.
- ¹⁷ No verão de 1923, o PCB se viu sacudido por uma crescente inquietude: os operários consideravam que estavam suportando uma parte excessiva da recuperação industrial. Mas também surgiram correntes internas preocupadas pela aplicação da NEP. Afirmavam que estava se priorizando o mercado à custa de frear a industrialização, abandonando-se a linha adotada no XII Congresso do partido. O partido – com Lênin enfermo – era dirigido por um triunvirato composto por Stálin, Zinoviev e Kamenev, com a participação de Bukhárin. Em 15 de outubro de 1923, 43 dirigentes do PCB soltaram um manifesto. Trótsky o apoiou. Esse manifesto exigia maior democracia proletária e maior velocidade da industrialização. No econômico, apoiava a teoria da “acumulação socialista originária”. O manifesto foi rejeitado pelo Comitê Central. Trótsky adotou posturas abertamente contrárias à aplicação da NEP, que já tinha em Stálin e Bukhárin os seus principais expoentes. Trótsky se marginalizou da linha de força principal em desenvolvimento, e talvez seja esse o momento em que realmente começa a perder peso político no PCB, fato ainda mais grave para ele do que a sua destituição então do cargo de Comissário da Guerra. Entre 1926 e 1927, Trótsky, Kamenev e Zinoviev (agora em oposição) seriam derrotados pelo novo centro de direção do PCB, constituído por Stálin e Bukhárin, e acusados de defender uma teoria da “revolução permanente” como argumento para dificultar o caminho aberto pela NEP. Trótsky foi expulso do PCB, confinado na Ásia (Alma Ata), e dois anos depois (1929) obrigado a abandonar a União Soviética.
- ¹⁸ V. I. Lênin, *Obras completas, tomo 33*, cit., p. 430.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 460.
- ²⁰ Cf. Charles Bettelheim, *Las luchas de clase en la URSS. Primer período (1917-1923)*, cit., p. 451.
- ²¹ *Ibid.*, p. 460.
- ²² Cf. *Grande Enciclopédia Soviética*, apud E. Carr, *La gran revolución bolchevique, tomo 2* (Madri: Alianza, 1973), p. 274.
- ²³ J. V. Stálin, *El plan quinquenal* (Madri: Aguilar, 1931), pp. 39-53.
- ²⁴ *Ibid.*, p. 100.
- ²⁵ Cf. O. A. Gordon & E. V. Klopov, *Que pasó? URSS: del stalinismo a la perestroika*, cit., p. 18.
- ²⁶ *El PCUS en las resoluciones y decisiones de los congresos, conferencias y plenarios del Comité Central* (Moscou: Ediciones em Lenguas Extranjeras, 1973), p. 33.
- ²⁷ Nicolas Bujarin, *Trabajos escogidos* (Buenos Aires: Dialética, 1989), p. 163.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 171.
- ²⁹ Cf. O. A. Gordon & E. V. Klopov, *Que pasó? URSS: del stalinismo a la perestroika*, cit., p. 24.
- ³⁰ J. V. Stálin, *El plan quinquenal*, cit.
- ³¹ Ver Arch Getty & Oleg Naumov, *La lógica del terror* (Barcelona: Crítica, 2001).
- ³² Boris Kagarlitsky, “La experiencia de la URSS vista por dentro”, em *Realidad Económica*, nº 163, Buenos Aires, 1999.
- ³³ Eugeni Preobrazhenski, *La nueva economía* (Buenos Aires: Pasado y Presente, s/d).
- ³⁴ Ver V. I. Lênin, *Acercá de la llamada cuestión de los mercados* (Moscou: Editorial Progreso, 1979).
- ³⁵ *Ibid.*, p. 53.
- ³⁶ Antonio Negri, “John Maynard Keynes e la teoría capitalista do Estado em el ‘29”, em *Crisis de la política* (Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 2002), p. 17.
- ³⁷ John Maynard Keynes, *Las consecuencias económicas de la paz* (Barcelona: Crítica, 1987).
- ³⁸ É importante destacar que Lênin se forma teoricamente nos anos nos quais na Segunda Internacional predomina a versão do marxismo de Friedrich Engels. Para Marx, o núcleo da nova filosofia reside na superação da cisão entre teoria e prática, com base numa releitura materialista o idealismo hegeliano. A liberdade é entendida como emancipação do trabalho e não como “consciência da necessidade histórica”. A filosofia deve resolver a cisão entre idealismo e empirismo; a filosofia é epistemologia do conhecimento. Mas, em Engels, o marxismo se constitui em “sistema filosófico” clássico (materialismo dialético), que produz sua conversão em materialismo monista, linha de pensamento que será consolidada teoricamente por Karl Kautsky e George Plekhánov. A “cultura burguesa”, segundo esses teóricos marxistas, é um “corpo de idéias” e não um processo contínuo de reprodução cultural. Para ser hegemônico requeria absorver e integrar as práticas sociopolíticas da sociedade, antes de tudo as práticas dos trabalhadores que começam a se organizar em sindicatos e partidos. O marxismo de Engels não deu importância a construções político-institucionais que se desenvolvem nas sociedades capitalistas liberais como mediações do conflito político entre a burguesia e a classe operária. Entre essas construções político-institucionais estavam a democracia política e o liberalismo político. Lênin subsumiu ambas as instituições no conceito do Estado capitalista como “ditadura do capital”. Assimilou mecanicamente as categorias de “sociedade burguesa” e de “Estado capitalista”, porque careceu de ferramentas teóricas para estudá-las. Essa carência está associada a seu desconhecimento da filosofia hegeliana. Lênin foi tributário do materialismo monista, e isso se manifesta em sua obra *Materialismo e empiriocriticismo*. Não podia conhecer a obra chave, como diria Gramsci, para entender sua “filosofia da práxis”: os *Grundrisse*, publicados pela primeira vez em russo na URSS em 1939-1941. Estuda a *Lógica* de Hegel, como comentamos, em 1916. Sobre o tema, ver o excelente ensaio de Mide Roche, “La dialéctica del trabajo e la emancipación humana”, em W. Bonfeld & Tischler (orgs.), *A 100 años del ¿Que fazer?* (México: Herramienta, 2003).